



# DIÁRIO

## da Assembleia Nacional

IX LEGISLATURA (2010-2014)

7.ª SESSÃO LEGISLATIVA

### REUNIÃO PLENÁRIA DE 15 DE OUTUBRO DE 2013

Presidente: Ex.<sup>mo</sup> Sr. Alcino Pinto

Secretários: Ex.<sup>mos</sup> Srs. Celmira Sacramento  
Deolindo da Mata  
Filomena dos Prazeres

#### SUMÁRIO

O Sr. Presidente declarou aberta a sessão às 9 hora e 55 minutos.

Procedeu-se à tomada de posse de Deputados substitutos à Assembleia Nacional.

Antes da Ordem do Dia. – No quadro de abertura da 7.ª Sessão Legislativa, produziram declarações políticas os Srs. Deputados Xavier Mendes (PCD), José Viegas (MLSTP/PSD) e Levy Nazaré (ADI).

Antes de declarar aberta da 7.ª Sessão Legislativa, o Sr. Presidente fez o balanço das actividades da sessão anterior.

Em assuntos de interesse político relevante, o Sr. Deputado Abnildo de Oliveira (ADI) falou sobre a situação do ensino em São Tomé e teceu críticas ao Sr. Ministro da Educação, Dr. Jorge Bom Jesus.

Também em assuntos de interesse político relevante, a Sra. Deputada Filomena dos Prazeres (PCD) chamou atenção ao Governo, visto que a verba alocada para evacuação de doentes do Príncipe a São Tomé esgotou-se.

Ainda em assuntos de interesse político relevante, a Sra. Deputada Isabel Domingos (ADI) falou da greve dos professores e parabenizou o sindicato dos professores pela coragem que teve.

A Sra. Deputada Maria das Neves (MLSTP/PSD), em assuntos de interesse político relevante, disse que está preocupada com a onda de violência que vem assolando o nosso país.

Em assuntos de interesse político relevante, o Sr. Deputado Cecílio Quaresma (ADI) disse que tem dificuldade em compreender o uso do IRS e IRC que se tem cobrado em São Tomé e Príncipe.

O Sr. Deputado António Ramos (MLSTP/PSD), em assuntos de interesse político relevante, também falou da greve dos professores e afirmou que, quem estava à frente da greve, grande parte dos que deram a cara eram do MLSTP/PSD, o que demonstrava o nível da democracia, e acrescentou que isso não acontece nos outros partidos, porque os seus militantes têm medo.

Ainda em assuntos de interesse político relevante, o Sr. Deputado Arlindo Ramos (ADI) criticou a ENAPORT pelo mau serviço que tem prestado, o que tem causado sérios prejuízos aos operadores económicos.

Por sua vez, o Sr. Carlos Pinheiro (ADI) pediu esclarecimentos ao Governo sobre o caso dos navios «Duzigit Integrity e Marida Melissa», que foram apanhados pela Guarda Costeira no mar de São Tomé e Príncipe.

O Sr. António Barros (MLSTP/PSD), em assuntos de interesse político relevante, teceu duras críticas aos organizadores do «Festival Gravana» pela discriminação que têm levado a cabo ao longo dos anos contra a Região Autónoma do Príncipe.

Ainda nesse quadro, o Sr. Deputado Xavier Mendes (PCD) manifestou repúdio por algumas declarações feitas contra do Ministro da Agricultura.

Por último, em assuntos de interesse político relevante, o Sr. Deputado Jorge Boa Morte (MDFM/PL) defendeu a crítica que foi dirigida ao Ministério da Educação e disse o que se está a fazer ao nível de Ministério da Educação é exactamente recuperar e corrigir os erros do passado.

O Sr. Presidente encerrou a sessão às 12 horas e 45 minutos.

O Sr. **Presidente**: — Srs. Deputados, existe quórum, pelo que declaro aberta a sessão.

*Eram 9 horas e 55 minutos.*

*Estavam presentes os seguintes Srs. Deputados:*

Acção Democrática Independente (ADI):

**Abnildo** do Sacramento **d'Oliveira**  
**Adérito** de Oliveira Bonfim dos **Ramos**  
**Adilson** Cabral **Managem**  
**Álvaro** João **Santigado**  
**Alexandre** da Conceição **Guadalupe**  
**André** Varela **Ramos**  
**Arlindo** **Ramos**  
**Bilaine** Carvalho Viegas de **Ceita**  
**Carlos** Alberto Pires **Pinheiro**  
**Carlos** Manuel Cassandra **Correia**  
**Celmira** de Almeida do **Sacramento**  
**Cecílio** Quaresma da Graça Sacramento  
**Domitília** Portulêz **Trovoada** da Costa  
**Hélder** **Paquete** Lima  
**Heliodoro** Pires **Quaresma**  
**Idalécio** Augusto **Quaresma**  
**Isabel** Mayza Jesus da Graça **Domingos**  
**José** da Graça **Diogo**  
**José** **Manuel** Costa Alegre  
**Levy** do Espírito Santo **Nazaré**  
**Mário** **Fernando**  
**Martinho** da Trindade **Domingos**  
**Octávio** da Costa de **Boa Morte** Fernandes  
**Paulo** Jorge de **Carvalho**  
**Roberto** Patrício das Neves **Lombá**

Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe/Partido Social-Democrata (MLSTP/PSD):

**Adllander** Costa de **Matos**  
**Alcino** Martinho de Barros **Pinto**  
**António** Neves Sacramento **Barros**  
**António** da Trindade Afonso **Ramos**  
**António** **Monteiro** Fernandes  
**Arlindo** **Barbosa** Semedo  
**Aurélio** Pires Quaresma **Martins**  
**Deolindo** Luís da Trindade **da Mata**  
**Dionísio** **Leopoldino** Fernandes  
**Domingos** **Monteiro** Fernandes  
**Elsa** Maria d'Alva Teixeira **Pinto**  
**Filomena** Sebastião Santana **Monteiro** d'Alva  
**Guilherme** **Octaviano** Viegas dos Ramos  
**Hélder** **das Neves**  
**Jerónimo** Pires **Quaresma**  
**José** da Graça **Viegas** Santiago  
**Jorge** **Amado**  
Manuel da Cruz **Marçal** Lima  
**Manuel** **Martins** Quaresma  
**Silvia** Ambrósio Gil do **Espírito Santo**

Partido de Convergência Democrática (PCD):

**Arlindo** Bandeira Fernandes de **Castro**  
**Arnaldo** Loureiro **dos Santos** e Silva  
**Celso** Carlos **Garrido** de Sousa Pontes  
**Delfim** Santiago das **Neves**  
**Filomena** Maria de Pina dos **Prazeres**

**Firmino João Raposo**  
**José Luís Xavier Mendes**

Movimento Democrático Força da Mudança – Partido Liberal (MDFM/PL):

**Jorge Boa Morte** de Ceita

O Sr. **Presidente**: — Srs. Deputados, vamos dar início aos nossos trabalhos. Dou as boas-vindas a todos depois dessas merecidas férias.

Temos uma agenda de trabalho e no ponto de antes da ordem do dia temos o empossamento dos Srs. Deputados. Daí que dou a palavra ao Sr. Secretário para os devidos efeitos.

O Sr. **Secretário** (Deolindo da Mata): — «Termo de Posse dos Deputados à Assembleia Nacional.

Aos 15 dias do mês de Outubro do ano 2013, compareceram perante o Plenário da Assembleia Nacional os Srs. Deputados substitutos Celso Carlos Garrido de Sousa Pontes, Arlindo Bandeira Fernandes de Castro, Arnaldo Loureiro dos Santos e Silva e Jorge Boa Morte de Ceita dos círculos eleitorais de Água Grande, Cantagalo e Mé-Zóchi, respectivamente, em substituição temporária dos Srs. Deputados eleitos Gil Mascarenhas da Costa, Maria Edite Salvaterra Pinto, Albertino Homem Sequeira Bragança e Hélder Cravid Bonfim de Menezes, tendo os mesmos prestado juramento nos seguintes termos:»

*Prestaram juramento nos termos constitucionais.*

«Para constar, lavrou-se o presente termo de posse, que vai ser assinado por Sua Excelência o Presidente da Assembleia Nacional, pelos empossados e por mim, o Secretário que o lavrou.»

O Sr. **Presidente**: — Gostaria de desejar as boas-vindas aos nossos novos colegas e desejar também êxitos nas novas funções.

Tendo em conta a nossa agenda de trabalhos, passo de imediato a palavra ao representante do Grupo Parlamentar do PCD, Sr. Deputado Xavier Mendes, para uma intervenção.

O Sr. **Xavier Mendes** (PCD): — Antes de iniciar a minha declaração política, gostaria de felicitar ao Sr. Presidente e aos serviços da Assembleia pelo novo visual da nossa Sala de Plenário, embora ainda não esteja em pleno funcionamento. Meus agradecimentos, Sr. Presidente, é um esforço na informatização dos nossos serviços.

«Sr. Presidente da Assembleia Nacional, Sra. Ministra da Justiça e dos Assuntos Parlamentares, Sras. e Srs. Deputados, minhas senhoras e meus senhores: Permitam-me, antes de mais, que saúde vossas excelências e a todos deseje um bom regresso ao trabalho parlamentar.

Permitam-me também que aproveite esta sublime oportunidade para endereçar a todos os são-tomenses, bem como aos cidadãos estrangeiros residentes no País, os nossos melhores cumprimentos.

A sessão legislativa que hoje se inicia é a penúltima da presente Legislatura, pelo que urge começarmos a fazer um balanço daquilo que tem sido a nossa prestação nesta Casa Parlamentar na presente Legislatura.

Pode na verdade dizer-se que os acontecimentos que assombraram a Assembleia Nacional, originados por uma forjada crise política nos finais do ano transacto, não inviabilizaram a nossa prestação na Casa Parlamentar, ao nosso ver globalmente positiva, na medida em que conseguimos realizar as II Jornadas Parlamentares, cujas recomendações se revelaram de notória importância e significado, como seja, dentre outras, a necessidade de revisão da Constituição da República, da Lei Eleitoral, do Estatuto dos Deputados, da Lei Orgânica e do Regimento da Assembleia Nacional.

Na sequência das referidas recomendações e, pese embora constituirmos o Grupo Parlamentar com menor número de membros e dispormos, por via disso, de menos recursos para o desenvolvimento das nossas actividades, Deputados do nosso Grupo Parlamentar, em estrita colaboração com os dirigentes do PCD, submeteram à Mesa desta augusta Assembleia, em Julho do ano passado, um projecto de revisão constitucional, cujo objectivo era tão-somente proporcionar um instrumento de trabalho, visando a revisão da actual lei fundamental, face ao desenquadramento e às diversas incoerências de alguns dos seus articulados com a actual realidade política nacional e do mundo globalizado, iniciativa esta que ainda se encontra sob profundo mutismo, embora revestida de toda a legalidade constitucional e regimental.

O PCD, enquanto partido conhecedor das normas regimentais, tem a plena consciência de que os seus sete Deputados não são capazes, sozinhos, de viabilizar qualquer iniciativa legislativa em Plenário, pelo que necessitarão sempre do beneplácito dos demais grupos parlamentares. cremos, no entanto, que todas as iniciativas legislativas, uma vez admitidas, devem seguir as normas regimentais e a tramitação legal, não devendo em caso algum ser submetidas a um profundo adormecimento.

De igual modo, o nosso Grupo Parlamentar teve a iniciativa de submeter à apreciação do Plenário desta augusta Assembleia uma outra acção que se reputa de extrema importância. É o caso do projecto de lei de revisão da Lei Eleitoral, Lei n.º11/90, que contou, na sua aprovação na generalidade, com a colaboração e o apoio dos Deputados do Grupo Parlamentar do MLSTP/PSD e do único Deputado do MDFM/PL e, a respeito do qual, conforme às recomendações do Plenário, foram posteriormente realizadas várias sessões de audição de representantes dos distintos órgãos do poder, dos partidos políticos, da sociedade civil e de demais personalidades, encontrando-se neste momento em sede da comissão competente para o melhor enquadramento das contribuições recebidas dos diversos sectores da nossa sociedade e consequente discussão e aprovação na especialidade. Neste capítulo, espera-se, no quadro da aprovação final global, uma lei mais inclusiva e participativa.

No que tange a outras iniciativas acima referidas, cuja feitura, discussão e aprovação contou com a plena participação e colaboração dos Srs. Deputados do Grupo Parlamentar do MLSTP/PSD e do único Deputado do MDFM/PL, a quem aproveitamos a oportunidade para agradecer, já foram ultrapassadas todas as fases processuais, tendo sido já publicadas, pelo que apelamos a todas as Sras. e Srs. Deputados a se apropriarem das actuais legislações, mormente a Lei Orgânica da Assembleia Nacional, o Estatuto dos Deputados e o Regimento da Assembleia Nacional, bem como a fazerem bom uso das mesmas.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, olhando para a situação política interna, congratulamo-nos com a superação dos problemas técnicos ocorridos na base de dados da Comissão Eleitoral Nacional, embora lamentemos a subsistência das dificuldades na mobilização de meios financeiros visando a realização do recenseamento eleitoral, criando assim condições para a realização das futuras eleições.

Congratulamo-nos igualmente com o facto de o Governo se ter reunido com os cónsules honorários do País com a finalidade de concertar posições, tendo em vista a implementação de uma nova dinâmica e filosofia de trabalho, assente na necessidade de captação de recursos para o País, em particular o incentivo ao investimento estrangeiro e na determinação de apoios concretos às nossas comunidades da diáspora.

Por fim, quando se esperava a abertura de um ano escolar tranquilo, o País foi surpreendido com uma greve dos professores por tempo indeterminado, o que levantou sérias preocupações aos pais e encarregados de educação, pelo que em boa hora as partes envolvidas nesta contenda encontraram a possível uma solução equilibrada e sustentada, tendo sempre em conta os superiores interesses do País, na linha do velho ditado «em casa onde não há pão, todos ralham e ninguém tem razão». Esta citação deve conduzir-nos a uma profunda reflexão sobre a actual realidade económica e financeira do nosso país e a encetar passos seguros no futuro, tendentes à alteração da difícil situação socioeconómica em que nos encontramos.

O PCD aproveita, por outro lado, a oportunidade para saudar o Governo e os representantes sindicais do sector da saúde e da educação por terem encontrado uma solução plausível, naturalmente não a mais desejável, mas a que o País pode de momento oferecer.

Se foram, por um lado, minimizadas algumas condições que constavam das reivindicações dos quadros técnicos, auxiliares e administrativos do sector da Saúde, não podemos fechar os olhos à preocupante situação que envolve ainda o referido sector, no que se atém ao atendimento dos pacientes. Não obstante, os notórios esforços do Governo, ainda é notável a falta de alguns medicamentos essenciais, de reagentes e de outros materiais, tanto no centro hospitalar Ayres de Menezes, como nos outros centros de saúde, pelo que apelamos o Governo a dar uma particular atenção a um sector tão primordial para o nosso desenvolvimento.

Outros sectores que mereceram, na nossa perspectiva, particular atenção são: da Justiça, o sector produtivo e o Ambiente.

No que concerne ao sector da Justiça, o PCD considera de extrema importância a realização de uma profunda reforma, uma vez que a Justiça é um dos pilares de garante de qualquer sistema democrático, como é o nosso caso. O PCD defende uma reforma da Justiça com a envolvimento e participação activa de todos os seus fazedores, pelo que manifesta desde já a sua recusa a qualquer tipo de reforma que tenha como objectivo a exclusão das pessoas e dos direitos já consagrados.

E porque estamos preocupados com a Justiça e a tendência que se vislumbra de um aumento vertiginoso da criminalidade na nossa sociedade, o PCD não pode deixar de manifestar o seu repúdio relativamente aos últimos acontecimentos ocorridos no País, como são os casos de agressão de uma menor, na sua própria residência, por um pai de uma outra com quem entrara em conflito, num acto flagrante de violação do domicílio, e a tentativa, mais uma vez falhada, de sabotar o único Aeroporto Internacional de São Tomé e Príncipe, através da vandalização do cabo eléctrico que alimenta as lâmpadas de orientação das aeronaves na pista.

Este repugnante e grosseiro acto de vandalização, que tem até contornos de atentado, assim como outras situações que vão no sentido de inverter a ordem e as normas públicas, devem ser combatidas de forma enérgica e sem qualquer contemplação, como único meio de se preservar a paz social, um dos principais bens da nossa República.

Referir-me igualmente ao sector produtivo, já que os dados de que dispomos apontam para uma situação de aumento do desemprego, o que apenas poderá ser combatido com investimentos no sector produtivo, com apoios concretos a projectos inovadores e credíveis, além de apoio às iniciativas

empreendedoras dos jovens. Note-se, de facto, alguma dificuldade por parte dos sucessivos executivos, ao longo de vários anos, em dar a adequada resposta a esta matéria.

Daí que o Governo deva prosseguir, com maior empenho e determinação, a mobilização de meios financeiros para investir na economia, com particular realce nos sectores de criação de emprego e de desenvolvimento económico, tendo em vista o aumento do poder de compra e a melhoria das condições de vida dos cidadãos e o incentivo às pessoas que têm pequenos negócios, como meio de subsistência familiar.

É certo que o Governo tem dado algum sinal claro, sobretudo no sector de Agricultura e Pescas, mas tal não é ainda suficiente. As dinâmicas e proveitosas medidas e projectos que o Ministro da Agricultura, Pescas e Desenvolvimento Rural, a quem aproveitamos também a oportunidade para cumprimentar e felicitar, tem vindo a implementar devem ser reforçados com o apoio técnico e financeiro directo aos pequenos agricultores e médios empresários agrícolas, os quais se vêm desdobrando com grande determinação no trabalho das suas terras, criando desta forma mais postos de trabalho e aumentando substancialmente a produção e a produtividade.

Atendendo ao fenómeno das mudanças climáticas, o ambiente deve merecer a nossa maior atenção nos próximos anos, tendo em conta as nossas fragilidades nesse domínio. Por isso, gostaríamos de nos congratular com o trabalho que, a esse nível, tem vindo a ser feito pela Direcção do Ambiente, a título de prevenção contra os fenómenos que têm vindo a ocorrer perante os nossos olhos, como inundações em quase todos os países da Ásia e muito recentemente em Moçambique, onde vários dos nossos irmãos moçambicanos perderam a vida.

Daí que seja nossa intenção aproveitar o ensejo para manifestar a nossa solidariedade para com o povo moçambicano e endereçar às famílias das vítimas os nossos profundos e sinceros votos de pesar. É por este motivo que apelamos a toda a população são-tomense a cumprir as normas estabelecidas pela Direcção-geral do Ambiente relativamente à protecção da natureza, num país que, pela sua reduzida dimensão, não está em condições de suportar situações análogas vividas noutras paragens.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. Ministra dos Assuntos Parlamentares, em momento tão particularmente crítico do nosso país, não poderíamos terminar a presente declaração política sem proceder a uma breve radiografia do que pode vir a ser o São Tomé e Príncipe no futuro próximo se nada se fizer para travar e inverter o actual estado de coisas.

A situação política, económica e social do nosso país reclama uma tomada de posição urgente, sob pena deste país vir a ser considerado no futuro bem próximo um «Estado falhado». É preciso dizê-lo de forma corajosa e sem qualquer tibieza: existem indicadores e sinais que não são de nada abonatórios para o São Tomé e Príncipe livre, independente e democrático que todos almejamos construir. Hoje podemos dizer em alta voz que estamos sentados todos em cima de um barril de pólvora, em risco de explosão.

Nos últimos 3 anos, o País e a sociedade têm vindo a viver um clima da maior crispação política, nunca registado mesmo no contexto do tenso período de transição para a democracia. Já não há como medir a dosagem dos níveis de indisciplina generalizada e da crescente falta de respeito para com os órgãos do poder judicial e policial, até mesmo de soberania e do poder político.

A mensagem e a imagem do Estado são-tomense que alguns dirigentes e comentadores políticos têm vindo a enviar para o exterior são as mais degradantes e desanimadoras.

Acresce a isso a completa desorganização da sociedade, em que perdem sentido e enfraquecem a cada passo os laços familiares e os valores sobre os quais repousa o conceito de nação e se degenera de forma notória a confiança entre os cidadãos.

Caros compatriotas, após a queda do XIV Governo, liderado pelo então Primeiro-Ministro, Sr. Patrice Trovoada, alguns fazedores da política vêm tentando transmitir insistentemente para o mundo que um pedaço do céu caiu na República Democrática de São Tomé e Príncipe, como se fosse a primeira vez que um governo de um partido que tenha ganho as eleições tivesse sido substituído por um outro oriundo do segundo ou terceiro partido mais votado nas eleições e até mesmo por personalidades independentes, quando isso não corresponde no mínimo à verdade dos factos. Pois senão, vejamos: Em 1994, o PCD, que tinha ganho as eleições legislativas de 1991 com 33 Deputados, a primeira e a mais expressiva maioria absoluta registada na nossa democracia, viu o seu Governo ser derrubado pelo então Presidente da República e substituído por um governo de iniciativa presidencial, sem qualquer cunho político, governo este liderado pelo Sr. Evaristo Carvalho. O PCD, tal como outros partidos com assento parlamentar de então, aceitou porque este é o jogo democrático e o citado «governo de iniciativa presidencial» esteve em funções no tempo determinado por lei. Na altura, não caiu nenhum pedaço do céu em São Tomé e Príncipe.

Em 2001, o MLSTP/PSD ganhou as eleições legislativas de 1998 com 31 deputados, que passou a ser a segunda e última maioria absoluta já havida no nosso regime democrático, mas viu o seu governo ser igualmente derrubado pelo então Presidente da República, tendo curiosamente sido mais uma vez chamado o Sr. Evaristo Carvalho a dirigir o chamado «governo de iniciativa presidencial», decisão aceite por todos os partidos com assento parlamentar, sem qualquer tipo de sobressaltos até à data das eleições.

Em 2008, o MDFM/PL e o PCD, em coligação, que tinham ganho as eleições em 2006, viram o seu Governo derrubado, tendo sido chamado para liderar o novo governo o Sr. Patrice Trovoada, líder do terceiro partido mais votado. Na altura, o ADI, um governo que se apelidou de «coligação das forças de

mudança» e que apenas durou 3 meses em funções, na ocasião, nem a coligação que tinha ganho as eleições, nem o segundo partido mais votado, o MLSTP/PSD, puseram em causa o dito governo e nada aconteceu até que o mesmo caiu por meio de uma moção de censura na Assembleia Nacional. Estranha e curiosamente, no cerne de todas as crises atrás anunciadas, foram chamados dirigentes do ADI para liderar o governo.

Ainda em 2008, com a queda do governo e na impossibilidade de a coligação que havia ganho as eleições formar o novo governo, foi chamado o líder do segundo partido mais votado para o liderar, desta feita o Sr. Joaquim Rafael Branco, integrando outros partidos que manifestaram o desejo de participar e tudo foi pacífico até à data das eleições.

É por isso necessário esclarecer e desdramatizar de uma vez por todas que o que aconteceu no ano passado com o governo do ADI não foi nada diferente dos acontecimentos anteriores. É preciso dizer isso de forma clara, com verdade e só verdade, que o ADI ganhou as eleições com uma maioria relativa em 2010 e viu o seu governo derrubado através de uma moção de censura em Novembro de 2012. De acordo com a Constituição e as leis, na impossibilidade de o partido que ganhou as eleições formar governo com a devida e necessária sustentabilidade parlamentar, pode ser chamado pelo Presidente da República o segundo partido mais votado para apresentar soluções alternativas. Foi o que aconteceu e nada mais.

No entanto, o ADI, que noutras ocasiões sempre beneficiou desta prerrogativa legal, vem fazendo uma política de terra-queimada, lançando mentiras, difamação, boatos, injúrias contra todos os órgãos do poder e contra os seus adversários políticos. Isto não é nada bom para a nossa democracia e muito menos para o nosso país.

Sras. e Srs. Deputados, a atitude de alguns dirigentes do ADI tem vindo a contribuir para um clima de muita crispação política, incrementação do ódio, raiva e rancor na nossa sociedade.

Das profundas análises e reflexões realizadas pelo PCD, constata-se que o País reclama por um período de alguma tranquilidade e acalmia, algo politicamente semelhante ao que ocorreu na fase final do *apartheid* na África do Sul, porque entendemos que a solução deste país não passa apenas pela realização das eleições, sem que para tal encontremos, previamente em conjunto, a possibilidade de celebração de um pacto de regime, envolvendo todos os órgãos de soberania, do poder regional e local, partidos políticos, parceiros sociais e da sociedade civil organizada, em torno de um sustentável projecto de desenvolvimento de São Tomé e Príncipe, com um período temporal não inferior a 10 anos, sem prejuízo de realização das eleições periódicas, tal como regem a Constituição e as leis, cuja implementação carecerá de rigorosa e sólida estabilidade política e governativa, assente, dentre outras, nas seguintes acções a empreender: a revisão da Constituição da República; profunda e necessária reforma da Justiça; selecção e aprovação de projectos estruturantes de desenvolvimento; reforma do Estado, com base na nova divisão administrativa, política de formação e de enquadramento, lei da terra, política de defesa e segurança nacional, política de defesa intransigente da cultura e da soberania nacional, política de justiça social e igualdade de oportunidades, lisura de linguagem e respeito mútuo entre os órgãos do poder e cidadãos de modo geral, incrementação da cultura do trabalho e do respeito pela propriedade e reforço dos valores éticos, morais e familiares.

É neste quadro que nos apraz apelar a todos os membros de órgãos de soberania, os dirigentes políticos, da sociedade civil organizada e, em especial, Sua Excelência o Presidente da República, a tomarem em devida consideração a proposta que acabamos de submeter à Nação são-tomense.

Oxalá ela ganhe em todos nós um profundo eco, para bem de São Tomé e Príncipe e do seu pacífico povo.

Bem-haja a todos».

*Aplausos do MLSTP/PSD e do PCD.*

O Sr. **Presidente**: — Passo de imediato a palavra ao Sr. Deputado representante do Grupo Parlamentar do MLSTP/PSD, José Viegas.

O Sr. **José Viegas** (MLSTP/PSD): — «Excelentíssimo Sr. Presidente da Assembleia Nacional, Sra. Ministra da Justiça e Assuntos Parlamentares, Sras. e Srs. Deputados, minhas senhoras e meus senhores, povo de São Tomé e Príncipe: Permitam-me nesta reunião plenária do início de uma nova sessão legislativa, saudar-vos a todos e, em nome do Grupo Parlamentar do MLSTP/PSD, dos militantes e simpatizantes do partido, expressar a nossa satisfação por termos contribuído para reinstalar o Estado de Direito Democrático num espaço de pluralidade e de mais confronto de ideias, onde a liberdade sindical encontra a abertura e o direito à greve passou a ser uma realidade.

Uma saudação não menos expressiva é dirigida a todas as Sras. e Srs. Deputados, augurando votos de boa saúde e pleno desempenho. Por outras palavras, isso quer dizer muito simplesmente que os eleitores são-tomenses nos deram a legitimidade, a capacidade e a oportunidade de agirmos com responsabilidade. O nosso Grupo Parlamentar assumirá sempre a fiscalização e uma postura de contribuir para que os problemas que se colocam a Nação sejam resolvidos. É um enorme desafio que temos pela frente.

Os são-tomenses exigem de nós uma forma diferente de fazer e de estar na política; exigem-nos que estejamos mais próximos das suas preocupações; mais atentos aos seus problemas; mais disponíveis para os ouvir e empenhados na resolução daquelas que são as suas reais necessidades. Temos que saber responder a estas novas exigências e temos de deixar de ser um Parlamento fechado e longe de quem nos elegeu. É preciso saber ouvir e dialogar sem medo das diferenças.

As novas tecnologias e o aparato digital deve ser um espaço de trocas de opiniões responsáveis, portadora de mais elevação e civismo. Só assim transportaremos connosco a urbanidade. O nosso Grupo Parlamentar continua a ser um referencial de estabilidade no Parlamento e no País.

É tempo desta Assembleia proceder a um balanço do seu próprio desempenho e propor medidas reformistas. O ponto de partida para esta avaliação honesta deve reconhecer que a situação é difícil. A crise mundial que se vive hoje afecta todos os países de maneira directa ou indirecta, sobretudo países vulneráveis como o nosso.

Gostaríamos de felicitar o Sr. Presidente da Assembleia pelo seu desempenho no sentido de melhorar a imagem deste Parlamento.

Saudamos o empenho do Governo, numa verdadeira reforma da Justiça. Estamos certos contudo de que com o actual quadro legal é possível o melhor desempenho da Procuradoria-Geral da República e dos Tribunais.

Excelências, senhoras e senhores, é tempo de mudar este estado de coisas, e o Grupo Parlamentar do MLSTP/PSD acha que já basta. É o futuro do nosso país que está em causa.

Excelências, é necessário adoptar nesta sessão um programa de acções que visa garantir a sustentabilidade do nosso Estado de Direito Democrático. Congratulamos com iniciativas já existentes neste sentido e, para o efeito, devemos agendar um amplo debate sobre o Estado da Nação. O papel das forças de defesa e segurança, as relações externas, segurança de pessoas e bens e não só, são dentre várias matérias, algumas que podemos enumerar.

A revisão de Lei Eleitoral está em curso, temos em curso iniciativas de revisão da Lei de Financiamento dos Partidos Políticos, do Estatuto de Cargos Políticos, da Lei da Nacionalidade, suscitando debate franco e aberto.

Precisamos do envolvimento de todos para a revisão da Constituição e já demos passos neste sentido.

Excelência, minhas senhoras e meus senhores, é preciso sermos responsáveis no exercício do poder de que somos detentores. É-nos, por conseguinte, exigido o aumento de capacidade de conhecimento, coadjuvado com a arte de transmitir; introdução de elementos de motivação nos jovens e o aumento da credibilidade junto dos cidadãos e dos eleitores; maior interacção com a sociedade civil, aumentando, como condicionante, a auscultação e a capacidade de conquista de respeito perante os cidadãos eleitores.

Excelência, conhecer a história e a tradição do País é um imperativo para entender o País real e, a partir daí, formular medidas legislativas que possam coadunar com perspectivas objectivas de afirmação da nossa República. Nisto exige-se memória fértil, honestidade para os principais protagonistas e testemunhos oculares e capacidade de aprendizagem com humildade para os outros. Lançar um olhar criterioso sobre o mundo que nos circunda, o mundo global. A partir daí uma análise do geral ao concreto do nosso país impõe-se.

Excelências, minhas senhoras e meus senhores, permitam-me que, em nome do Grupo Parlamentar do MLSTP/PSD, saúde o relançar da nossa imagem externa numa arquitectura de bom relacionamento institucional entre o Presidente da República e o Governo, exemplo de um entendimento que é preciso haver na política externa, convergindo para os superiores interesses da Nação no empenhamento, na construção de uma sociedade livre, justa e solidária, na defesa dos direitos do homem e na solidariedade activa entre todos os homens e todos os povos, conforme reza o artigo 1.º da nossa Constituição, atitude aprazível e gratificante para a imagem do Estado no seu todo e de cada um de nós em particular.

Saudamos daqui todo esforço conjugado que permitiu a realização com êxito do encontro com parceiros internacionais. Foi o resultado de um trabalho árduo e competente conduzido por este Governo.

Na actual conjuntura, pretendemos um quadro de discussão de programas realistas para tirar o País da crise. É disto que o País precisa.

Conscientes de que só um profundo engajamento e determinação da classe política dirigente, da sociedade civil e dos cidadãos em geral por uma opção clara pode garantir e assegurar um rumo para estabilidade política e o desenvolvimento socioeconómico que o País tanto almeja, o propósito é alcançar um amplo consenso em torno das grandes questões de âmbito nacional, de modo a garantir efectivas condições para a defesa do regime democrático e do desenvolvimento socioeconómico sustentado do País.

Temos de contribuir para a preservação de um clima de estabilidade política, da paz social, do respeito pelos direitos, garantias e liberdade do cidadão, da defesa e protecção da propriedade, da melhoria das condições de vida da população e a consolidação das bases democráticas em que assentam o nosso regime instituído.

Continuamos a encorajar o Governo, chefiado por Dr. Gabriel Costa, a realizar acções estruturantes para o País, designadamente: o porto em águas profundas; a modernização do aeroporto; a segurança alimentar; o programa de crescimento agrícola com incentivo aos agricultores; o aumento da produção de energia eléctrica; uma maior distribuição de água potável.

Essas acções irão permitir ao País um crescimento numa primeira fase e depois o seu desenvolvimento, porque proporcionará aos cidadãos em geral um acesso mais rápido e útil das suas necessidades mais básicas.

Excelências, Sras. e Srs. Deputados: o Grupo Parlamentar do MLSTP/PSD, na plena assunção da responsabilidade que lhe cabe, não pode deixar de ressaltar aqui três sintomas graves que nos últimos tempos grassam muito negativamente a nossa sociedade: primeiro, a forma mal-educada e grosseira como se utiliza a tecnologia de informação e comunicação para denigrir a própria imagem do País, atitude despida de qualquer sentido patriótico.

Segundo, a utilização de sabotagem como forma de semear o terror, destruição do sistema de iluminação do aeroporto e cortes nas redes da EMAE são exemplos disso.

Terceiro, assaltos e roubo às propriedades tem sido uma constante. Os que produzem, como os pequenos agricultores, vêem o resultado dos seus esforços quotidiano a serem usurpados por aqueles que elegeram o parasitismo como forma de viver. É urgente endurecermos medidas punitivas. Aqui cada instituição deve assumir a responsabilidade que lhe cabe.

A linguagem boçal contra as instituições legítimas da República tem sido uma constante. Isto não dignifica nenhuma das partes e não nos leva a lado algum.

Excelência, Sras. e Srs. Deputados, nesta parte final, gostaria de, mais uma vez e de viva vós, saudar todo o nosso povo e transmitir votos para que juntos continuemos a lutar por um São Tomé e Príncipe melhor. Juntos conjugaremos esforços de todos para o bem comum.

Mãos à obra e bem-haja a todos!»

*Aplausos do MLSTP/PSD e do PCD.*

O Sr. **Presidente**: — Convido desta feita o Sr. Deputado representante do Grupo Parlamentar do ADI, Levy Nazaré, para uma intervenção.

O Sr. **Levy Nazaré** (ADI): — «Sr. Presidente da Assembleia Nacional, Sra. Ministra da Justiça e Assuntos Parlamentares, Sras. e Srs. Deputados: Em nome do meu Grupo Parlamentar, gostaria de saudar a todos os Deputados, na esperança de que estas férias parlamentares tenham contribuído para uma profunda reflexão sobre o rumo que o País tomou desde a queda do XIV Governo Constitucional.

O povo não esquecerá aquilo que fez o Governo do ADI, chefiado pelo Dr. Patrice Trovoada, em 2 anos e 4 meses de governação, por muito que tentem fazer para tirarem da memória colectiva aquela governação.

Não esquecerá porque vive hoje, com este presente envenenado que é este Governo de retalhos de tecidos de pouca qualidade»...

A Sra. **Elsa Pinto** (MLSTP/PSD): — Oh!

O Sr. **Levy Nazaré** (ADI): — ... «defendido e carregados pelos três partidos da tróica, o MLSTP/PSD, o PCD e o MDFM/PL e pode muito bem comparar o Governo do ADI, que também governou com a crise internacional, e este Governo dos três partidos chefiados pelo Dr. Gabriel Costa.

Não é preciso sermos Deputados, dirigentes, funcionários públicos para constatarmos a olho nu que a República está doente. O País vai de mal a pior, com uma população desanimada, incrédula e descrente com o actual poder. Um país onde o poder de compra da população baixou consideravelmente e, conseqüentemente, o custo de vida acelerou em poucos meses; onde as receitas fiscais e aduaneiras reduziram drasticamente; onde a saúde pública se deteriora como nunca antes visto, com pessoas a morrerem todos os dias por falta de medicamentos e outros bens básicos de saúde, motivos para perguntarmos; porquê que não se faz agora uma presidência aberta, com os professores a entrarem em greve por causa das reivindicações justas da classe, mas que encontrou um Governo intransigente, sem capacidade de diálogo negocial, prejudicando assim os alunos, usando como desculpa para as suas incapacidades e fraquezas que o ADI é que está por detrás da greve, chegando mesmo a cansar as pessoas de que tudo que acontece nesse país é culpa da oposição, comportamento típico dos fracos.

Um governo que usa todos os cotonetes que existem no mercado para tapar os ouvidos de modo a não ouvirem os gritos de clemência como se tivessem feito alguma coisa, vindo dos estudantes no exterior que estão a passar fome e a serem despejados.

Um país onde os direitos básicos de cidadãos são constantemente violados só porque pensam diferente, ou criticam o que está mal.

Um país que vive da ajuda externa, mas as sucessivas acções do Governo é de afugentar os investidores. Em 38 anos de independência nunca a nossa diplomacia esteve tão mal vista.

Enfim, um governo sem eira nem beira e que apenas vai somando casos de corrupção manifesta, com documentos comprovativos irrefutáveis, mesmo que continuem a usar a Rádio Nacional e a TVS para dizerem o contrário. Mas os documentos falam por si e o povo hoje sabe o que está a acontecer.



Isto leva a uma só pergunta que não é feita apenas pelo ADI, mas sim por todo o povo e por aqueles que continuam a ajudar e a acreditar no País: porque é que assaltaram o poder? Porque é que desrespeitaram a vontade do povo expressa nas urnas em 2010? Porque que derrubaram o XIV Governo chefiado pelo Dr. Patrice Trovoada?

A resposta, todo o povo são-tomense hoje sabe: apenas para cada um se safar o quanto pode a custa do povo e do bom nome do País. Pois, aproveitem o quanto antes, porque o povo só está à espera de 2014 para pôr um basta definitivo. Podem ir juntos, coligados, amarrados, atrelados aos burros» ...

#### *Aplausos do ADI.*

Como dizia, «podem ir juntos, coligados, amarrados, atrelados aos burros que não vão conseguir enganar o povo. Indo juntos ou separados é a mesma coisa, é um grupo, é um lado, é um bloco e aí o povo saberá também, chamado à sua responsabilidade de decidir o seu futuro.

Minhas senhoras e meus senhores, o poder actual, em vez de dar respostas aos inúmeros desafios e problemas que enfrentam o País, passam a vida a atacar a oposição, a perseguir todos que, de uma forma ou de outra, simpatizam com o ADI e chegam mesmo ao absurdo de apresentarem propostas de lei com o mero intuito de atacar uma pessoa, ou um grupo de pessoas, como é o caso da proposta de Lei Eleitoral e a proposta de Lei de Reforma da Justiça.

Sobre o primeiro, a Lei Eleitoral, o partido ADI votou contra na generalidade por entender que o objectivo dos proponentes não é uma verdadeira reforma, mas sim contra uma pessoa e contra um partido. Entende ainda o ADI que o clima político actual não permite que se faça uma verdadeira reforma em todas as legislações eleitorais: Lei Eleitoral, Lei do Recenseamento Eleitoral, Lei das Autarquias Locais, Lei dos Partidos Políticos, Lei do Financiamento dos Partidos Políticos, dentre outras, bem como essas reformas não devem ser feitas a faltar poucos meses para as eleições.

Quanto à segunda, a Reforma da Justiça, o ADI deixa mais uma vez de forma bem clara que é a favor de uma verdadeira reforma da Justiça, inclusive, isto é, chamando previamente todos os pilares do sistema, a classe política e a sociedade civil. A reforma deve ser do sistema no seu todo e não apenas visando alguns magistrados, pré-identificados dentro do sistema e não subalternizar um órgão de soberania perante outro, como se pretende».

Permitam-me fazer parênteses sobre este assunto e dizer que, ao contrário dos advogados do Governo que foram à TVS apresentar um conjunto de recomendações do encontro nacional de justiça, realizado em 2009, esses mesmos advogados esqueceram-se também de citar algumas recomendações que aqui tenho e passo a ler: «o seguimento das acções de reforma será garantido pelo núcleo de seguimento e avaliação, composto por três profissionais da área de direito escolhidos de entre os membros dos subgrupos que participaram na elaboração dos temas a serem discutidos no encontro. Para além desses três profissionais, integram o Conselho Nacional de Justiça as seguintes individualidades: o Presidente do Supremo, o Ministro da Justiça, o Procurador-Geral da República, o Bastonário e um dos representantes das organizações». Passo a citar essas organizações: «religiosas, sindicais, de jornalistas, da câmara do comércio, dos jovens empresários, das mulheres empresárias, da FONG, da associação de pequenos agricultores (...)», num total de 15 elementos. Foi essa a proposta saída em 2009 para o Conselho Nacional de Justiça.

Dizia ainda, «pretende-se que o Conselho seja maioritariamente constituído por cidadãos sem formação jurídica para que fique claro que a realização da justiça é um assunto que interessa e diz respeito a toda a sociedade». Tenho aqui e posso facultar cópias dessa recomendação.

Logo, não é esta a proposta que se assistiu, dizendo que apenas incluía quatro pessoas escolhidas pelos políticos para irem substituir um órgão de soberania, que são os tribunais.

#### *Aplausos do ADI.*

Aproveito também para dizer algo sobre aquilo que assistimos ontem na TVS, em resposta ao Sr. Ministro da Agricultura, porque é uma incongruência, uma falta da verdade e é tentar enganar o povo, falta de coerência: como é que o Governo, em que este Ministro da Agricultura faz parte, apresenta uma nota explicativa para a sua reforma da Justiça e no cabeçalho desta diz, como toda a gente já ouviu, mas volto a citar, «são poucos os magistrados e funcionários que efectivamente cumprem e fazem cumprir a Constituição e as leis. Uma parte considerável, de uma forma ou de outra, vai-se servindo das leis para resolver os seus problemas pessoais (...)». Disse o Governo que este Ministro faz parte, «não combate à impunidade, a corrupção, o enriquecimento ilícito, a lavagem de dinheiro e, em geral, os chamados crimes de colarinho branco». Magistrados e funcionários judiciais e do Ministério Público prestam um mau serviço ao cidadão, contribuem para um descrédito do sistema, tronando-se muitas vezes em locais em que os mais fracos e excluídos são injustiçados e humilhados». Ontem o Sr. Ministro quis mostrar ao povo que ele é o «primeiro, primeiro»...

#### *Risos do ADI.*

Terceiro, para dizer também, já que a Sra. Ministra da Justiça está aqui presente, que a reforma da justiça...

**Vozes do ADI:** — Ou vai ou racha!

O Sr. **Levy Nazaré** (ADI): — ... «não pode e não deve ser direccionada apenas visando pessoas. Porque sabemos que havia lista de juizes para serem considerados de inaptos e irem para a rua, juizes que são perseguidos por algumas pessoas.

É preciso dizer que o Primeiro-Ministro, Dr. Gabriel Costa, andou muitos anos a perseguir e a falar mal de um juiz, porque não tinha formação superior, e toda gente sabe disso – sou do sistema e conheço o caso. Esse juiz é o juiz que julgou e condenou o Sr. Primeiro-Ministro Gabriel Costa por injúria e difamação do ex-Presidente da República Fradique de Menezes. Esse juiz pôs no banco de réus o Dr. Gabriel Costa, julgou e condenou-o e saiu de lá com pena suspensa. Então, a partir deste momento é abater todos os juizes que não têm formação.

Daí a incoerência mais uma vez: quando este juiz decidiu para o arquivamento do processo da *STP-Trading*, esse Primeiro-Ministro, na altura advogado, aplaudiu a decisão deste juiz que ele andou a perseguir, porque não tinha formação superior.

Minha gente, em 2000 quando cheguei ao País depois da minha formação, na Procuradoria-Geral da República, só havia uma pessoa formada, que é o Dr. Silvestre Leite e naquela altura todas as pessoas sem formação tinham valor e o País não estava na situação como está. Por isso a questão não deve ser colocada se se tem curso ou não.

Recordo-me que a segunda pessoa na Procuradoria-Geral da República, com méritos dados e agora está jubilado, não tinha formação superior, mas é alguém de se tirar o chapéu. Por isso tivemos directores da Função Pública, ministros, governadores do Banco Central sem curso superior. A questão não se deve colocar se tem ou não curso superior, se fez na Alemanha, na Rússia, em Cuba ou em São Tomé e Príncipe, se fez curso *on line* ou por Internet, é aquilo que você pode fazer quando é chamado para representar o Estado e representar uma função pública; aquilo que você pode fazer para o País; como é que você transforma a vida das pessoas para melhor.

Esse Ministro também disse que ele é o *primeiro*, mas demitiu os directores todos por corrupção.

A Sra. Ministra da Justiça, também formada em direito e por sinal minha colega da Faculdade de Direito de Lisboa, sabe como ninguém, porque estudou isto como eu e muito bem e é básico em direito, que os Tribunais são órgãos de soberania com competência para administrar a justiça em nome do povo – não só porque o estudou, mas porque diz a nossa Constituição no artigo 120.º, «função jurisdicional dos tribunais».

Diz ainda a nossa Constituição, artigo 121.º, «os Tribunais são independentes e apenas estão sujeitos às leis (...)», não a nenhuma pessoa nem a nenhum outro órgão de soberania.

Diz ainda o artigo 122.º, «decisões dos Tribunais». Aí é que gostaria de chegar; número um, «as decisões dos tribunais são fundamentais nos casos e nos termos previstos na lei.

Número dois, «as decisões dos tribunais são obrigatórias para todas as entidades públicas e privadas e prevalecem sobre as de quaisquer outras autoridades». Volto a repetir, «são obrigatórias para todas as entidades públicas e privadas (...)». Então não entendemos como é que, depois do tribunal tomar a decisão que tomou sobre os navios, o Sr. Presidente da República e os órgãos políticos interferem nelas, foi dito e toda a gente ouviu, indo negociar aquilo que os tribunais decidiram. Volto a perguntar se estamos de facto num Estado de direito democrático, onde existe o princípio de separação de poderes que a Sra. Ministra da Justiça bem conhece.

Por tudo isto é que o ADI diz que o País está entrando num beco sem saída. Porque o actual poder não tem um programa, um projecto, não sabe aonde quer ir, não sabe qual é o rumo a seguir e não tem uma equipa, enfim, não tem visão porque não tem um líder.

Daí é que o ADI alerta a todo o povo são-tomense para estar vigilante com todas as manobras do poder, para desinformar e confundir a população, principalmente através da TVS e da Rádio Nacional como se tem verificado nos últimos meses, tendo em conta que o próximo ano será o ano, em que o povo será chamado para definir o seu futuro. Como se disse, «para o povo poder mandar nas urnas».

Por isso uma mensagem ao povo são-tomense: sabemos das dificuldades, ouvimos todos os dias os gritos e os seus suplícios, mas não percam a calma. Aguentem só um pouco mais que dias melhores virão brevemente e isso só acontecerá com a determinação do povo naquela curta caminhada em direcção às urnas no próximo ano.

Terminamos, dizendo mais uma vez que, ao contrário dos que falam de paz, da união, do entendimento, mas por detrás fomenta a guerra, o ódio, a vingança, as intrigas e promove-as, o ADI é um partido responsável, de paz e disponível para discutir os reais problemas do País e que não põe os interesses pessoais e de grupo acima dos interesses colectivos e do povo são-tomense. Se for realmente para defender o povo são-tomense e desenvolver o nosso país, podem contar com o ADI.

Digo-o aqui a todos grupos parlamentares, a Sua Excelência o Presidente da Assembleia, ao Governo e mesmo ao Presidente da República. Volto a repetir, se for realmente para defender o povo são-tomense e

desenvolver o nosso país, podem contar com o ADI. Mas se for para falar de boca para fora, dizendo uma coisa e fazendo outra, então o ADI estará de fora, mas sempre do lado do povo são-tomense.

Bem-haja a todos.

*Aplausos do ADI.*

O Sr. **Presidente**: — Peço a compreensão de Vossas Excelências, tendo em conta o formato para usar o púlpito para fazer a minha declaração.

«Sra. Ministra da Justiça e Assuntos Parlamentares, Sras. e Srs. Deputados, Excelências: Inauguramos hoje, 15 de Outubro, como manda o nosso Regimento, a 7.<sup>a</sup> Sessão Legislativa da IX Legislatura. Por esta razão quero manifestar a emoção e satisfação que me envolve ao dirigir-me a vós, Sras. e Srs. Deputados e, através de vós, ao povo são-tomense.

Quero nesta fase preambular da minha intervenção desejar a todas e todos um desempenho que esteja a altura das vossas responsabilidades político-constitucionais. Recordo-vos por este facto que vós sois os representantes legítimos de todo o povo são-tomense.

Ao retomarmos as nossas actividades importa, a breve trecho, recordar a cada um e a todos que, durante a 6.<sup>a</sup> Sessão Legislativa desta IX Legislatura, desenvolvemos algumas actividades que passo a citar: Por parte dos Srs. Deputados houve iniciativas no sentido de legislar sobre a revisão do Estatuto dos Deputados, a nova lei eleitoral e a prorrogação do mandato dos órgãos de autarquias locais e regionais.

No âmbito das iniciativas do Governo, tiveram propostas de lei no âmbito da prevenção e combate ao branqueamento de capitais e do financiamento do terrorismo, estatuto da ordem de engenheiros e arquitectos de São Tomé e Príncipe e lei que cria o Conselho Nacional de Justiça.

Todavia é importante sublinhar que durante a 6.<sup>a</sup> Sessão aprovámos dois projectos de lei, duas propostas de lei e 14 projectos de resolução.

Neste período, o Plenário da Assembleia Nacional debruçou-se também sobre a eleição de novos membros do Conselho Superior de Imprensa, o Conselho Superior da Defesa Nacional e da Comissão Eleitoral Nacional.

Para além dessas questões é importante sublinhar que no período em referência, o dossier de natureza política mais importante que foi analisado por este Plenário foi a moção de censura ao XV Governo Constitucional que foi introduzida pelo Grupo Parlamentar do ADI. Estamos recordados que no marco dos termos constitucionais e regimentais todos participaram cívica e democraticamente nesta reflexão cuja exigência decorre da natureza democrática do nosso sistema do Governo.

Do que fica exposto podemos concluir que temos muito ainda a fazer e no que concerne a qualidade das nossas acções ainda há muitos espaços para a melhoria. No que tange a produção legislativa necessitamos de ter mais iniciativas e para isso os grupos parlamentares, as Sras. e os Srs. Deputados individualmente devem exercer mais plenamente os vossos deveres, mas também os vossos direitos. Ao reconhecer que existem muitos espaços para melhorarmos a nossa acção tenho também que destacar algumas melhorias no âmbito de funcionamento das nossas comissões especializadas.

Neste particular quero destacar as acções de natureza pedagógica, que temos hoje, que temos vindo a desenvolver levando as nossas comissões a conhecerem mais de perto as actividades da governação e da administração. Ao longo da 6.<sup>a</sup> Sessão, assistimos com satisfação às visitas dos nossos Deputados e Deputadas, reunidos em Comissões Especializadas, a alguns sectores da vida económica, financeira e social do nosso Estado, entre elas citarei apenas algumas: Banco Central, EMAE, Centros de Saúde de Cantagalo e Mé-Zóchi, Direcção de Estatística, as Alfândegas, Direcção dos Impostos e Contabilidade Pública e Centro de Aconselhamento Contra Violência Doméstica.

Quero neste particular encorajar os membros das comissões a continuarem nesta direcção já que ela nos permite conhecer de perto os problemas de vários sectores de actividades de administração e da governação. Se todos nós trabalharmos um pouco mais é de justiça ressaltar o trabalho intenso que os membros da 1.<sup>a</sup> Comissão vêm realizando ao longo das nossas actividades.

No período em referência os membros da 1.<sup>a</sup> Comissão Especializada estiveram reunidos cerca de 24 vezes número jamais registado na história das reuniões das nossas comissões especializadas. Esta dinâmica bastante positiva chama-nos uma vez mais atenção sobre a necessidade da profissionalização dos deputados.

Estando aqui e lá ao mesmo tempo, mas dedicando atenção aqui em detrimento do lá algo fica por fazer. Por isso mesmo, continua a considerar imprescindível, se quisermos ter a melhor governação, temos necessariamente que ter mais Parlamento e isso faz-se com deputadas e deputados dedicado essencialmente ao Parlamento.

O que ficou para trás excelências foi bom, mas continuo a insistir na necessidade de melhorarmos cada vez mais as nossas acções. É preciso que cada um de nós coloque na sua agenda diária que o País se constrói também com o resultado positivo de cada um. Neste contexto, o período que temos diante de nós deve ser mais positivo relativamente àquele que ficou para trás.

Temos por isso que trabalhar mais, estudar mais, fiscalizar mais e contactar mais. Se o fizermos estou convencido que dentro do nosso querer de mais Parlamento e melhor Governo, o País sairá a ganhar e

nosso papel de deputado, representante do povo, como dizia um nosso colega, será o de mais representante do povo e menos parlamentar, o deputado.

Pode parecer-nos que este lema encerre em si mesmo uma profunda contradição, tendo em conta que o Parlamento é sinónimo da representação popular. Ao fazer aquela afirmação, o colega colocou a todos nós uma questão, para além de ter uma profundidade de natureza política ou filosófica, quis acima de tudo chamar-nos atenção para a prática quotidianas de nós próprios, ou seja, a pergunta é.

Será que representamos condignamente aqueles que nos elegeram? Será que não podemos ser melhores Deputados? Será que a nossa conduta é de um grau de exigência de trabalho de excelência? Não será que temos que moralizar mais a nossa actividade política ou parlamentar e partidária? Não cabe a mim responder cada uma dessas questões.

Quero tão simplesmente convidar-vos a um questionamento colectivo, mas também individual no cumprimento deste questionamento permita-me sugerir a todos e particularmente aos líderes parlamentares o seguinte. Não seria de utilidade colocar na agenda dos nossos trabalhos uma avaliação crítica de nós mesmo.

Sei que a minha proposta pode parecer esquisita, mas reflectam sobre ela. Pode estar aí a chave da nossa melhoria, o caminho para novos saltos qualitativos. A propósito cito-vos John Scully um executivo americano: «o futuro pertence àqueles que vêm as oportunidades antes que elas se tornem óbvias.» É o fim da citação.

Sra. Ministra da Justiça, caros colegas, o nosso país, São Tomé e Príncipe, continua a conhecer dias difíceis e todos nós sabemos. Os esforços quotidianos de cada cidadão e acção governativa não têm sido suficientes para desencravar a realidade que nos envolve. A difícil situação económica e financeira por que passa o nosso país, para além de ser o reflexo de uma forte e permanente independência económica externa é sobretudo reflexo da nossa fragilidade inabilidade interna para dar uma sacudidela geral ao *status quo* e ir ao encontro de um novo paradigma.

O novo paradigma que possa criar novas sinergias motivadoras de uma ambição nacional unificadora e visionária visando no essencial o combate pela auto-suficiência alimentar, a luta contra o êxodo rural e despovoamento de interior. O combate contra a ruralização das zonas urbanas, nomeadamente a Cidade de São Tomé.

A luta pela reestruturação do tecido empresarial nacional. O incentivo ou investimento de capitais externos, a luta pelo emprego e crescimento económico. Não pretendo caros colegas exorcizar os fantasmas que nos perseguem diariamente. A intenção é alertar para o perigo para o caminho sinuoso que pode nos envolver se teirmos em não fazer o questionamento permanente.

Caros colegas, Sra. Ministra, há todavía novos caminhos, novos horizontes. 2013 está na sua caminhada triunfante para a meta final, 31 de Dezembro. 2014 que nos avizinha e com ele as novas esperanças sobretudo porque será o ano de eleições e o povo será chamado a se pronunciar sobre as políticas e os dirigentes distritais, regional e nacional a conduzir os seus destinos.

Nesta caminhada que queremos auspiciosa e azeitosa algumas questões devem ser colocadas na nossa agenda de trabalho sobretudo quando fazemos que dentro de sensivelmente dois meses teremos que aprovar o Orçamento Geral de Estado. O nosso OGE. Em primeiríssimo lugar verbas para todo o processo eleitoral, desde o recenseamento até a realização propriamente dita das eleições, para que se faça sem constrangimento.

Decorre, porém, deste acto essencial de regime democrático algo tão indispensável para o nosso país como pacto de estabilidade e convergência entre as forças políticas, não importa o nome. Não pretendo decerto aqui hoje sobre o fenómeno de estabilidade, verso instabilidade governativa tão característico do nosso país. Se tornar obrigatoriedade, sinto-me na obrigatoriedade de alertar os dirigentes políticos sobre a necessidade de darmos um passo.

Tornou-se característico, todos falarem da necessidade da paz, da concórdia, da harmonia na nossa sociedade. Só não estou certo de valor a conquistar e a preservar. O nosso regime que é democrático e nosso sistema de governação que é semipresidencial exige das forças políticas, do acto da governação o entendimento possível e permanente. São Tomé e Príncipe reclama entendimento e exige trégua. O interessante e o ponto comum é todos falarem dessa necessidade, mas o mais importante é darmos passos certos nessa direcção. É preciso cristalizarmos o tão propalado novo ciclo.

Nós desta posição, não obstante as posições políticas ou partidárias que exercemos a nível do MLSTP/PSD, todos sabem que sou um dos vice-presidentes do MLSTP/PSD. Disponibilizamos para fazer a ponte para este facto de entendimento e diálogo. Espero que ao nível das forças políticas se cultivem acima de tudo o diálogo. Hoje tenho a convicção e talvez a crença de que a nossa sociedade precisa de diálogo sério entre os dirigentes políticos partidários.

Não vale a pena estarmos acantonados na nossa trincheira e à espera de dar-nos o golpe fatal. A democracia constrói-se com civilidade e esta com educação e diálogo. O desenvolvimento conquista-se com inclusão e participação. Por isso mesmo, um outro elemento indispensável para o nosso futuro de sucesso, refiro-me ao aperfeiçoamento do nosso sistema político e a participação política das mulheres.

Não vale a pena falarmos hoje do aperfeiçoamento do nosso sistema político sem as necessárias acções adicionais que garantam o aumento da participação política das mulheres. Ignorar isso é como querer parar

o vento com a mão. A participação das mulheres na vida política qualifica a democracia e em muitas vezes determinantes para o seu desenvolvimento.

Aprovar isso, temos as nossas colegas aqui entre nós. Não obstante serem poucas são exemplos de combatividade, dedicação e trabalho de qualidade. Devemos por isso ter orgulho daquilo que conseguimos, porém podemos ir mais longe. Tenho plena consciência que temos ainda um longo caminho, temos uma resolução que aponta para os 30%.

Senão poderemos ir além, ir mais longe pelo menos que façamos a nossa própria decisão. Este desafio lanço aos partidos políticos e ao próprio governo. Façamos este esforço e veremos brevemente os resultados. No que concerne a nós gostaríamos que no próximo parlamento, ou seja, na próxima legislatura possamos contar com não menos que 16 colegas nossas Deputadas nesta Assembleia.

*Aplausos gerais.*

O Sr. **Presidente**: — Dizia Paul Devest, cito: «a estratégia de ontem foi o que nos possibilitou sobreviver até agora». Mas uma nova estratégia deve ser criada se quisermos garantir a nossa sobrevivência no futuro. Por isso, acredito caros colegas que essa nova sobrevivência no futuro consiste em trabalharmos juntos para uma nova política de género no nosso país. Sra. Ministra da Justiça, Sras. Deputadas, Srs. Deputados, caros presentes, quero terminar, mas recordo-vos que o que nos separa é de longe, muito inferior àquilo que nos une. Temos um país a reconstruir, temos uma população à espera da nossa mudança, da mudança do paradigma e sobretudo a mudança do nosso comportamento. Vamos pois darmos as mãos e começarmos um novo futuro. Ele constrói-se e não cai do céu. Muito obrigado pela vossa atenção.

*Aplausos gerais.*

Vamos dar continuidade com a nossa acção e gostaríamos de ler duas pequenas mensagens de Sua Excelência o Presidente da República, não obstante o assunto ter sido resolvido e como estamos em plenária e foram acções que nós desenvolvemos ao nível da Comissão Permanente, gostaríamos de dar apenas o conhecimento a Vossas Excelências.

Tem a palavra o Sr. Secretário da Mesa.

O Sr. **Secretário**: — Deram entrada a Mesa de Assembleia Nacional duas cartas do Presidente da República Democrática de São Tomé e Príncipe e passo a ler.

«Excelentíssimo Sr. Presidente de Assembleia Nacional.

São Tomé.

Ao abrigo do desposto nos n.ºs 1 e 2 do artigo 85.º da Constituição da República, venho solicitar o assentimento da Assembleia Nacional para me ausentar do território nacional na sexta-feira, dia 27 de Setembro com destino à República Portuguesa, em visita privada e de trabalho, estando o meu regresso previsto para sexta-feira, dia 11 de Outubro.

Sem, outro assunto queira aceitar excelência os protestos da minha mais alta consideração.»

Palácio do Povo, em São Tomé, 20 de Setembro de 2013.

Manuel Pinto da Costa.

Presidente da República Democrática de São Tomé e Príncipe.

«Excelentíssimo Sr. Presidente de Assembleia Nacional.

São Tomé.

Ao abrigo do desposto nos n.ºs 1 e 2 do artigo 85.º da Constituição da República, venho solicitar o assentimento da Assembleia Nacional, para me ausentar do território nacional, na sexta-feira, dia 11 de Outubro, com destino à República da Guiné Equatorial, a fim de participar na cerimónia alusivo ao 45.º aniversário da independência daquele país irmão, atendendo ao convite que para o efeito me foi formulado pelo meu homólogo equato-guineense, estando o meu regresso previsto para segunda-feira, dia 14 de Outubro de 2013.

Sem, outro assunto queira aceitar, excelência, os protestos da minha mais alta consideração.

Palácio do Povo, em São Tomé, 27 de Setembro de 2013.

Manuel Pinto da Costa.

Presidente da República Democrática de São Tomé e Príncipe.»

O Sr. **Presidente**: — Como dissemos que iríamos dar conhecimento de duas solicitações do Sr. Presidente da República, porque estávamos no período de férias e a Comissão Permanente ao abrigo da Constituição e do Regimento reuniu-se e decidiu favoravelmente a essas solicitações de Sua Excelência o Presidente da República.

Não havendo mais questões para serem anunciadas, passamos de imediato ao último ponto da nossa ordem do dia. Temos tratamento de assuntos de interesse político relevante. Estamos em sede do ponto de

antes da ordem do dia, hoje não temos assuntos específicos para ordem do dia e diz o nosso Regimento que esse período tem essencialmente 60 minutos.

Estes 60 minutos foram quase que esgotados largamente, porque não quis observar o limite do tempo que está fixado para as declarações políticas. Neste sentido, gostaria de vos propor o seguinte.

Adopção de 40 minutos para falarmos deste último ponto observando a distribuição proporcional como fixa o Regimento. Gostaria de ouvir reacção dos Srs. Deputados, relativamente a esta proposta. Apenas 40 minutos. Tínhamos previsto que em 20 minutos poderia fazer as declarações políticas, mas entendi o interesse de cada grupo parlamentar em defender as suas teses e daí que deixei os Srs. Líderes Parlamentares e o Sr. Presidente do PCD lerem todo o seu discurso e isso levou-nos grande parte do tempo. Portanto, gostaria de propor-vos estes 40 minutos e caso estivessem de acordo, eu anunciaria os tempos disponíveis de acordo com a distribuição já feita. Estamos de acordo, Srs. Deputados?

**Voices:** — Sim.

O Sr. **Presidente:** — Então, anuncio: para o Grupo Parlamentar do ADI 18 minutos, Grupo Parlamentar de MLSTP/PSD 14 minutos, PCD 5 minutos e o Sr. Deputado de MDFM/PL 3 minutos. Se estiverem de acordo tenho uma lista que me foi submetida em que o Grupo Parlamentar do ADI tem 9 inscritos, PCD tem 4 inscritos e o Grupo Parlamentar de MLSTP/PSD tem 9 inscritos. Gostaria de pedir a todos que fizessem a gestão criteriosa do tempo que cada um dos grupos parlamentar tem.

Tem a palavra o Sr. Deputado Abnildo d' Oliveira.

O Sr. **Abnildo d' Oliveira** (ADI): — Antes de avançar ao assunto que trago queria felicitar o Presidente do MLSTP/PSD pelo facto de ontem ter reconhecido que o País vai mal e que o seu governo enfrenta sérias dificuldades e não consegue resolver os problemas da população. Dito isto, no rol dos assuntos de interesse político relevante trago para esta augusta Assembleia o desprezo deste governo em relação a nossa maior riqueza os homens e as mulheres são-tomenses.

Falo-vos a propósito da qualidade de ensino e educação no País nos últimos 10 meses que conheceu recuo. Ainda a bem pouco tempo, com ajuda dos parceiros de desenvolvimento, realizou-se em São Tomé e Príncipe o Fórum Nacional da Educação. Constatou-se que tínhamos dado passos significativos em relação à alfabetização e ao ensino para todos.

Chegou-se também a conclusão de que ainda temos um caminho a percorrer e todos devemos apostar na melhoria do ensino, educação e procurar resultados quantitativos e qualitativos. Tudo estava no bom caminho pela nossa surpresa o sector da educação, os funcionários que recaiam sobre si processo disciplinar bastou a chegada do Samaritano Bom Jesus para serem reconduzidos e premiados.

A Sra. **Elsa Pinto** (MLSTP/PSD): — Oh, oh, oh!

O Sr. **Abnildo d' Oliveira** (ADI): — Porque será que o ministro terá chamado e colocado em funções funcionários que tinham processo disciplinar sobre si? Será que o Ministro da Educação tem rabo de palha e não consegue tomar medidas contra os infractores? Este é um dos exemplos que revela a falta de sentido de Estado por parte dos elementos deste Governo.

E nós alertamos para o perigo da instalação do actual sistema, pois iríamos conhecer caos. E chegou caos e está no Ministério da Educação. Sras. e Srs. Deputados, há cidadãos a serem perseguidos no sector da educação pelo facto de pertencerem a determinados partidos políticos. Há professores que foram retirados horários num procedimento que não se enquadra numa política de ministério, mas sim num mero expediente que visa premiar os militantes do partido no poder.

Houve interrogatórios nalgumas escolas para saber qual partido político é que se militam alguns funcionários contrariando o artigo 27.º da nossa Constituição sobre liberdade de consciência. Ressalta a vista de todos que a qualidade de serviço de ensino e de educação só está no discurso do Sr. Ministro da Educação Bom Jesus. Um discurso ensaiado com algumas palavras bonitas que totalmente contraria ao que se vê na prática. Justifico. Em 2008/2009 na qualidade do Ministro da Educação, Bom Jesus aquando da chegada de quadros vindos sobretudo de Cuba e Brasil defendeu a reconversão de quadros. E em 2013, por que não fazer a dita reconversão? Com formação específica de pedagogia de ensino a esses quadros. Porque assistimos vários quadros licenciados, bem como os jovens que frequentam o curso do ISP manifestar o interesse e disponibilidade para leccionar. Eu faço fé, quer os jovens licenciados, quer aqueles que participam no curso no ISP estão com alguma capacidade para dar contribuição ao país. Infelizmente, de forma vergonhosa há professores que acabaram de terminar neste Agosto de 2013 o 11º ano e já estão a leccionar em detrimento de quadros formados. Que façam inquéritos e revejam o que estou a dizer.

O Sr. **Presidente:** — Sra. Deputada Filomena quer fazer uma intervenção e para esse efeito tem que deixar a Mesa como manda o Regimento e assim gostaríamos de convidar o Sr. Subsecretário Firmino Raposo para ocupar por momento o lugar da Sra. Deputada e convidado a Sra. Deputada a tomar assento no seu grupo parlamentar.

Tem a palavra a Sra. Deputada Filomena Prazeres.

A Sra. **Filomena Prazeres** (PCD): — A questão que me traz aqui é simples para chamar atenção. A Sra. Ministra da Justiça como é porta-voz do Governo para um assunto que é de extrema importância na Região de Príncipe.

Temos constatado que a verba alocada para despesas correntes tem sido utilizada para evacuação de doentes para São Tomé e ela esgotou-se, inclusivamente, nós tivemos que fazer a transferência de uma rubrica para esta. E chamamos a atenção do Ministério da Saúde, o Sr. Ministro neste caso. Embora, que estejamos com dificuldades financeiras e sabemos, mas há questões que são prioritárias. A saúde dos doentes é prioridade, é uma coisa que não se prevê e neste momento há três meses para fim do ano já não temos nenhum tostão na rubrica das verbas de despesas correntes. Era isso que gostaria de chamar atenção.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra a Sra. Isabel Domingos.

A Sra. **Isabel Domingos** (ADI): — Sr. Presidente, Sra. Ministra dos Assuntos Parlamentares, Sras. e Srs. Deputados, bom dia. Antes de começar a minha intervenção, quero desejar a todos nesse início de sessão até o seu término que possamos ter um bom trabalho, que a nossa produtividade possa aumentar e que de facto possamos prestar um melhor serviço a Nação são-tomense.

Não obstante o assunto ter sido temporariamente ultrapassado, que é a questão da greve dos professores, mas gostaria de dar os meus parabéns ao sindicato dos professores pela coragem que teve, apesar de todos os percalços que estiveram no início da greve e muito mais que iniciar a greve de permanecer corajosamente com a intenção de cumprir os objectivos.

Mais do que sindicato os próprios professores. Nos órgãos e comunicação social ouvimos mensagens de desencorajamento que dizia que os professores deveriam regressar as salas de aulas, porque o sindicato não terá como fazer pagamento das horas em que os professores não estão a trabalhar, quando o benefício virá, virá para todos.

Não é desconhecimento para ninguém, sabemos em que condições está a nossa educação, como é que os professores estão a trabalhar, qual a quantidade de alunos que tem dentro das salas de aula, os materiais de apoio, seminários de capacitação, um conjunto de coisas que temos consciência.

Mas, quando se diz que a reforma é para alguns e não para todos, a prova está a vista. Mas nisso tudo, sabemos que essa reivindicação foi justa, foi a forma inábil como o Governo tratou o assunto, a falta de capacidade de negociação.

Todos nós presenciámos a disponibilidade do sindicato em negociar e o Governo mesmo sabendo da situação, não foi capaz nem de prever, muito menos trabalhar o assunto, deixando 80 000 alunos em casa sem aula e encorajando os pais, como forma de pressão, que enviassem os seus filhos para escola. Para receber que aula, com que professores? Incentivando os professores extraordinários para ir dar aulas, quantos professores extraordinários?

É assim que se vai resolver o problema de reivindicação dos professores?

**Vozes do MLSTP/PSD e PCD**: — Isso já está ultrapassado.

A Sra. **Isabel Domingos** (ADI): — Está de facto ultrapassado, mas não está resolvido, esse é que é o problema. Há um memorando que foi assinado, espero e acredito que toda a sociedade são-tomense espera que possa ser cumprido.

Adiamos o problema, os alunos estão a regressar, sabemos que é da responsabilidade do sistema de educação formar pessoas, que poderão ser futuros dirigentes. Em que condições estão a ser formados? Hoje estamos a banalizar porque não nos interessa, mas o Governo deveria mostrar mais capacidade, saber negociar mais, usar o famoso diálogo. E dou parabéns ao sindicato, porque a situação foi ultrapassada por iniciativa do sindicato, não por iniciativa do Governo.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra a Sra. Deputada Maria das Neves.

A Sra. **Maria das Neves** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, Sra. Ministra da Justiça, Sras. e Srs. Deputados, quero antes de mais saudar a todos e desejar sucessos e grande produtividade nessa nova sessão legislativa que hoje iniciamos.

Peço a palavra porque estou preocupada, e aqui já foi dito também, com a onda de violência que vem assolando o nosso país. Recentemente, segui atentamente através da rádio, um depoimento de uma mãe sobre uma violência que assolou o seu lar e perguntei mesmo em que país é que estamos. Porquê que vamos chegar a esse nível.

Uma briga entre duas colegas acabou por ter a intervenção de um pai que violou o domicílio privado e foi agredir duramente uma rapariga. Quando fazemos coisas dessas, muitas vezes nos esquecemos de que

temos filhas, filhos, irmãs, mãe, tias, tios, que também temos parentes e nunca gostávamos de ver os nossos parentes a serem vítima de violência.

Muitas vezes quando agredimos esquecemos desses pormenores, por isso gostava de alertar a nossa sociedade para que pudéssemos pôr cobro a isso. Não é normal, se estar a agredir assim as pessoas, esse país não teve guerra, hoje já vemos pessoas mutiladas, com braços cortados, com pernas cortadas, devido a violência.

Por isso, gostava de alertar a Comissão dos Direitos Humanos, para que juntamente com o Centro de Aconselhamento Contra a Violência Doméstica continuassem a divulgar a lei que existe. Esta lei foi divulgada desde de 2008. A Lei de Violência Doméstica diz que o crime de violência doméstica é um crime público.

A partir do momento em que mesmo um vizinho assista a actos de agressões, pode denunciar e os órgãos da justiça devem acompanhar esse processo. Por isso, gostava que se divulgasse mais a Lei para que as pessoas se apropriassem dela de modo a evitar que haja tanta agressão e tantos problemas.

Gostaria também de manifestar aqui a minha preocupação em relação a onda de roubos, temos assistido a muitos roubos. Pessoas que sacrificam para plantar e não estão a colher os seus produtos. Que algo seja feito para que se possa evitar isso.

Mas, Sr. Presidente, nem tudo vai mal e quero aqui dizer que registei com agrado, quando vi através da imprensa que São Tomé e Príncipe ficou em 1.º lugar na Feira Internacional de Luanda. São Tomé e Príncipe participou na Expo com 80 empresas e entidades, com nove países de entre os quais estavam operadores dos Estados Unidos, Namíbia, África do Sul, Quênia, Moçambique, Portugal, Brasil, e São Tomé e Príncipe com todas as dificuldades que temos, estar classificado em 1.º lugar em presença de todos esses países, julgo que é motivo que nos deve orgulhar a todos.

*Aplausos gerais.*

Para além disso também tomei conhecimento no *Téla Nón* que neste índice, Mo Ibrahim de Governação Africana a pontuação de São Tomé e Príncipe melhorou. Está agora em 11.º lugar, subiu desde 2000 em mais três pontos. Julgo que isto também é motivo de orgulho, porque é contribuição de todos quantos participaram na governação desde de 2000, julgo que é motivo também de satisfação para nós.

*Aplausos gerais.*

Por último, Sr. Presidente, registei com agrado a sua intervenção. Fez uma abordagem sobre a questão do género, a necessidade de maior participação da mulher na vida política. Espero que na Lei Eleitoral isso esteja contemplado, porque até agora não vi uma só palavra sobre isso e sou como Santo Tomé, gosto de «ver para crer». Espero que isso de facto seja contemplado para que se possa melhorar a participação das mulheres na vida política.

O Sr. **Presidente**: — Relativamente ao apelo que faz a Comissão dos Direitos Humanos, creio que o Presidente desta Comissão está na Sala, deve ter tomado a boa nota a fim de desenvolvermos acções neste sentido.

Relativamente às manifestações ou onda de crescimento de crimes de violência doméstica, porque alguns são de natureza pública e muitas vezes publicitado nos órgãos de comunicação social, o nosso apelo vai também para o Ministério Público, porque tratando-se de crime de natureza pública e estando radiofundidas e comunicada a Nação julgo que os magistrados do Ministério Público não precisam de denuncia de nenhum cidadão para agirem em conformidade.

Neste sentido, a 1.ª Comissão deverá seguir de perto este dossiê e relativamente à questão do género os membros da 1.ª Comissão, como disse na minha intervenção, que vêm realizando um trabalho bastante positivo, espero que os mesmos em sede de análise do projecto que foi apresentado sobre a Lei Eleitoral possam também abordar essa questão.

Tem a palavra o Sr. Deputado Cecílio Quaresma.

O Sr. **Cecílio Quaresma** (ADI): — Sr. Presidente, Sra. Ministra da Justiça, Sras. e Srs. Deputados, bom dia. Tendo em conta o tempo que o meu partido tem vou ser mais breve possível. O que me preocupa neste momento em São Tomé é que tenho dificuldade em compreender o uso do IRS e IRC que se tem cobrado em São Tomé e Príncipe. Como é que estamos a aplicar o IRS e IRC?

Srs. Deputados, não é possível que os cidadãos contribuam com o seu suor para o Estado e podemos verificar uma banalização por parte do Estado em relação aos carros do Estado. Neste momento, os carros do Estado transformaram-se em táxis, de noite, aos fins-de-semana, feriados, etc., etc.

Era um trabalhado que já estava organizado por XIV Governo e agora, a palavra mais directa, está uma bandalha. E cada cidadão são-tomense contribui para que isso seja um sucesso em São Tomé. Agora, não entendo qual é a posição do Governo perante esta situação.



O segundo ponto, é que verifiquei no discurso do Sr. Presidente do PCD, quando disse que se está a criar muita raiva, ódio, rancor nos filhos são-tomenses. Quero dizer que estou com muita raiva, sim senhor, muito rancor.

Fiz um trabalho, gastei meu dinheiro pessoal desde 2007 para o bem de São Tomé e Príncipe, o XV Governo destruiu. Tenho raiva, e nesse momento o País está numa situação complicada e não há ninguém para responder, e digo mais.

Não é falta de dinheiro, porque há dinheiro em São Tomé, o problema é como usar o dinheiro em benefício da população. O XV Governo não está a ter capacidade para usar o dinheiro em benefício da população, e o dinheiro está em São Tomé. Porquê que não podem fazer o bom uso do trabalho?

Pedi encontro com Primeiro-ministro várias vezes, eu enquanto deputado, pedi para falar com o Sr. Primeiro-ministro, e não fui aceite. Fiz a carta para o Presidente da República desde Agosto de 2012, não é possível. Então, o que vamos fazer? Desde de 2012 que pedi encontro com o Sr. Presidente da República, não foi possível, com o Primeiro-ministro é uma dor da cabeça.

**Vozes do ADI:** — Dizem que querem diálogo.

O Sr. **Cecílio Quaresma** (ADI): — Dizem diálogo. Dizem que diálogo querem para nós fazermos finalmente? Tenho raiva.

O Sr. **Presidente:** — Sr. Deputado Cecílio, alguns colegas seus estão a solicitar de que trabalho se trata. Poderia fazer uso da palavra caso quisesse, mas fora do tempo. Só para esclarecer os colegas que solicitam.

O Sr. **Cecílio Quaresma** (ADI): — Sr. Presidente, trazendo o tempo sem dizer outras coisas mais,... trabalhei num assunto muito importante que é a criação de um órgão muito importante em São Tomé no processo de mudanças climáticas.

Quando se fala de mudanças climáticas é uma coisa, falar dos aspectos que vêm sobre a mudança climática é outra coisa. O quê que temos em conta?

Muitas organizações internacionais estão a trabalhar para ajudar São Tomé e Príncipe e outras coisas mais e recebemos dinheiro para usar. Posso dizer vos mais alguma coisa. Neste momento, o país tem 4 milhões de dólares para o trabalho, não há como usar o dinheiro, temos 14 000 dólares na conta para trabalhar, não tem como se trabalhar com o dinheiro, a população está a precisar.

Temos 13 comunidades criadas, dinheiro para trabalhar, não podemos trabalhar porque o XV Governo não quer ouvir das pessoas, pelo contrário, o que fizeram. Chegaram, destruíram um grupo de trabalho que foi criado pura e simplesmente, não procuraram sequer conversar, saber como funciona, como não funciona, destruíram e agora a população está a precisar.

Vão para a Praia Melão ver o que se passa lá e outras zonas mais que não quero enumerar agora, e problema está todo parado. E há dinheiro para trabalhar, é só saber como trabalhar com esses dinheiros todos, o povo precisa, é só isso.

Queria dizer que é preciso criar a nível da Assembleia Nacional a Rede Parlamentar de RRC. Saiu da IV Plataforma Mundial. Criação de RRC Parlamentar, significa o quê? Grupo Parlamentar de Redução de Risco de Catástrofe, São Tomé e Príncipe não tem e é o que temos que criar o mais urgente possível, porque São Tomé e Príncipe tem que apresentar um relatório em Março de 2015 no Japão. Como é que o País vai fazer isso sabendo que não temos nenhuma estrutura criada? E 2015 está a porta.

O Sr. **Presidente:** — Feitos os esclarecimentos, espero que a Sra. Ministra, na qualidade de Ministra dos Assuntos Parlamentares, tenha tomado nota das informações que foi prestada pelo Sr. Deputado Cecílio Quaresma e possa as canalizar para o Governo.

Julgo que o Sr. Deputado estará disponível, caso o Governo tenha necessidade de mais informações.

O Sr. **Cecílio Quaresma** (ADI): — Com muita vontade.

O Sr. **Presidente:** — Tem a palavra o Sr. Deputado António Ramos.

O Sr. **António Ramos** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, ouvi aqui muitas palavras, talvez em defesa dos professores. Eu também defendo os professores porque sou professor, mas há algo que muitos não falaram que para mim é relevante e que deveríamos tomar em consideração. Isso prende-se com os dirigentes. Quem esteve a frente dessa greve? Grande parte de quem dava a cara são do MLSTP/PSD, é só para ver o nível da democracia, isso não acontece nos outros partidos, têm medo.

*Aplausos do MLSTP/PSD.*

Recordo que vim para aqui defender a necessidade, no anterior governo,...

O Sr. **Presidente**: — Srs. Deputados, sei que manifestação nos lugares é permitido, mas vamos fazer um esforço para ouvir os outros colegas quando querem fazer as intervenções.

O Sr. **António Ramos** (MLSTP/PSD): — Recordo-me ter vindo cá alertar o anterior governo de que havia necessidade de se dar atenção a cursos de mestrado no ISP e tive um colega aqui que devia ajudar-me nesta defesa, ele absteve porque teve medo. Isso revela que as coisas não estão assim muito más, isso revela que efectivamente há liberdade de expressão, é algo que deviam ter em consideração.

Como responsável do partido sei que não houve nenhum processo, não houve nada contra eles, porque se um filho não chora ele não come. Por isso, têm o direito de reclamar e não pensam, de maneira nenhuma, que houve «vitória», que eles fizeram um bom trabalho. Os nossos militantes a vários níveis estiveram lá, prova da democracia, prova que este partido é um partido democrático.

Sob a violência doméstica, efectivamente que a situação nestes últimos tempos tem complicado. Isto é próprio de um processo. Durante um processo há agudização, há má interpretação de muitas coisas. Como sabem, quando há liberdade muita gente interpreta liberdade de diversas formas e quero efectivamente agradecer o papel das igrejas. Aí se não houvesse tantas igrejas como temos, que têm ajudado muito, caso contrário teríamos problemas a mais.

Essas confissões religiosas têm ajudado bastante. Só a divulgação da lei não vai responder isso. Para além de apropriar, as pessoas têm que ter consciência de que estão a viver em sociedade, que um deve respeitar ao outro. Há trabalho a fazer, e vamos ter que trabalhar nesse sentido e trabalhar, como disse anteriormente, em género e não trabalhar em sexo porque o sexo é ...

*Risos.*

...o sexo é o resultado biológico enquanto que o género é o resultado social. Já expliquei isso e não quero adiantar mais detalhes sobre isso. Quando quiserem consultem e vamos trabalhar nisso em conjunto.

*Risos.*

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Arlindo Ramos.

O Sr. **Arlindo Ramos** (ADI): — Sr. Presidente, tenho várias questões para abordar, mas antes gostaria de alinhar-me a intervenção da Sra. Deputada Maria das Neves sobre a questão da violência e outras que ela aqui disse. E quero agradecer ao Sr. Deputado António Ramos por ter reconhecido, afinal de contas, que o MLSTP/PSD estava por detrás das greves de 2012.

Nesta Sala temos vários deputados que são operadores económicos deste país e há um problema que preocupa a todos, é o problema de funcionamento da ENAPORT. Os serviços que são prestados pela ENAPORT aos operadores económicos têm causado sérios prejuízos a esses operadores. Falo isso porque trabalho numa agência de navegação e estou em condições de poder dizer certas coisas que acho que têm causado sérios problemas aos operadores económicos nacionais.

Em primeiro lugar há um problema de eleição de prioridades na ENAPORT. Há uma grua que foi ofertada pela República de Angola, está avariada há mais de três meses. E neste momento os serviços de descarga são feitos por uma empilhadora em condições muito perigosas que podem provocar acidentes gravíssimos na ENAPORT, estamos a ver que a direcção da ENAPORT em vez de se preocupar com este problema, está a gastar dinheiro com a compra de viaturas. Comprou ultimamente duas viaturas que custaram aos cofres da ENAPORT 64 000 euros, enquanto a grua precisa de cerca de 18 000 euros para a sua recuperação, pois que há cerca de 10 anos se encontra avariada. Poupar-se-ia muito mais dinheiro se se recuperasse a grua vinda de Angola. E nós estamos sem esclarecimentos.

O que está a acontecer agora são os barcos que ameaçam não virem mais para São Tomé com as cargas; são as cargas dos operadores económicos que estão nos portos da Europa, que atrasam a cada dia que passa, e estamos a aproximar-nos do mês crítico do ano, que é o mês de Dezembro. Esta é a primeira questão.

A segunda questão, eu gostaria de responder ao Sr. Ministro de Agricultura que acusou alguns dirigentes do ADI de estarem a querer destruir a dinâmica da juventude. Eu reconheço nele essa dinâmica, por acaso, é neste momento, talvez, um dos melhores Ministros do actual Governo, em termos de dinamismo, mas há uma questão que ele se esqueceu de dizer quando se vangloria a dizer que «fui ilibado porque não cometi crime nenhum». Pode ser que criminalmente ele seja ilibado. Pode ser!

Levantamos a hipótese que criminalmente ele seja responsabilizado, mas o mesmo despacho de que ele faz referência, das cinco pessoas que foram acusadas de corrupção, o Ministério Público confirmou a acusação: «Corrupção passiva e crime de tráfico de influência». E essas pessoas vão ser julgadas em tribunal.

Outra questão que me preocupa – e eu peço desculpas se feri a sensibilidade de algum Sr. Deputado aqui na Sala –, é a questão do famoso contrato do arroz, assinado em Março 2013. Neste momento, estamos com um problema de ruptura do stock do arroz no mercado.

E o argumento usado na altura, para a assinatura do referido contrato, era evitar a ruptura do stock, e neste momento, esse contrato é nulo. E as 3000 toneladas de arroz não chegaram ainda ao País. Queremos saber quais são as medidas administrativas que o Governo já tomou sobre essa questão.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Carlos Pinheiro, para uma intervenção.

O Sr. **Carlos Pinheiro** (ADI): — Sr. Presidente, Sua Excelência a Ministra da Justiça, Sras. e Srs. Deputados, os meus cumprimentos.

Sr. Presidente, quero aqui chamar a atenção do Governo pelo facto de no mês passado termos registado nas águas territoriais de São Tomé e Príncipe, a embarcação «África n.º 1» à deriva, quando fazia a ligação entre São Tomé e Príncipe, e a bordo dessa embarcação estavam lá seis crianças e seis adultos.

Temos registado vários naufrágios em que muitas pessoas perderam a vida, e nós perdemos os nossos familiares. Essa prática de deixar as crianças viajarem nessas embarcações sem condições continua. Essa embarcação ficou à deriva algumas horas e essas crianças estavam a menos de horas de perder a vida.

Estavam desidratadas e não havia forma de socorrer essas crianças. Portanto, chamo a atenção do Governo para reforçar as medidas, de forma a evitar que se faça a transferência de pessoas, sobretudo para crianças indefesas, por via marítima entre estas duas ilhas, porque senão vamos ter novamente casos de perdas de vidas. Daí que o Governo tem que reforçar, junto às autoridades competentes, medidas no sentido de não deixarem viajar crianças nessas embarcações sem condições.

A outra questão diz respeito ao acto de discriminação em relação a alguns funcionários na Região Autónoma do Príncipe pelas instituições aqui em São Tomé, nomeadamente, a ENAPORT, a EMAE, que têm lá no Príncipe as suas ramificações.

A ENAPORT em São Tomé fez um aumento salarial de 8% aos funcionários e discriminadamente negaram esse aumento aos funcionários da ENAPORT na ilha do Príncipe.

Queremos perceber porquê que isso está a acontecer. Se a empresa é única, porquê que aumentam os salários em São Tomé e não o fazem no Príncipe?

Isto põe em causa o princípio de igualdade. Não pode! O Estatuto é único!

E outra coisa mais: segundo algumas informações, não fizeram porque no Príncipe ganham subsídio de isolamento, mas uma coisa não tem nada a ver com a outra, porque quem está no Príncipe sofre esse isolamento. Isso está estipulado no decreto-lei regional n.º 2/2008, e nós temos que envolver.

Porquê que não se efectuou esse aumento, uma vez que nós somos todos são-tomenses e somos todos funcionários. Aumenta-se em São Tomé, não se aumenta no Príncipe. Isso cria revolta. E há pessoas que criticam e dizem que nós estamos a ser muito regionalistas, mas são dessas coisas que criam ira nas pessoas.

Daí, eu peço ao Governo que efectue diligências no sentido de repor esse direito que essas pessoas têm. Ou então digam-lhes como é que querem que seja. Ou que a ENAPORT seja uma empresa à parte de São Tomé e aí já saberão como se comportarem. Se é uma e única, então têm que ser iguais perante a lei, perante os direitos e perante os deveres.

A outra questão que eu quero colocar é a questão dos dois barcos que foram apreendidos. Eu, de viagem a São Tomé, notei que um desses barcos não está na nossa baía, e segundo a Justiça, esses barcos fazem parte da propriedade de São Tomé e Príncipe. Soubemos que todas as cargas estavam lá dentro, mas um barco não está na baía. Será que já desapareceu como o 30 de Setembro?

Porque nós temos que saber o que estão a fazer da nossa propriedade, que foi decretada judicialmente.

*Aplausos do ADI.*

E também sabemos que as cargas que estão num dos barcos estão a ser negociadas. Tem que haver um concurso público. Eu também gostaria de comprar. Porque estão a fazer negociação debaixo da mesa. Se há lei de licitação, os são-tomenses também querem comprar.

A que preço estão a vender? Como é que está a ser negociado?

Nós temos que saber! Isso é propriedade de São Tomé e Príncipe, pertence a todos nós até agora, de acordo com a decisão judicial, portanto, enquanto deputado quero que o Governo esclareça o que está a acontecer.

O Sr. **Presidente**: — Caros colegas, relativamente ao tempo, o ADI já não tem tempo. Demos ao Sr. Deputado Carlos Pinheiro mais do que três minutos, mas o mais importante disso é que considero de extrema importância as questões que estão a ser abordadas, o que denota a nossa preocupação sobre os vários problemas que assolam o nosso país, mas eu gostaria de pedir também aos presentes, particularmente às Sras. e aos Srs. Deputados para, como dizia na minha intervenção, fazer o uso pleno das vossas competências.

Temos cá, felizmente, a presença da Sra. Ministra da Justiça, espero que esteja a anotar algumas questões que estão a ser levantadas, que registe com preocupação questões relacionadas com o aumento da criminalidade, da violência doméstica, as questões atinentes à protecção da natureza, nomeadamente

da nossa orla costeira, apontada pelo Sr. Deputado Cecílio Quaresma, as disponibilidades de natureza financeira que ele anunciou aqui que existem; ouvimos o Sr. Deputado Arlindo Ramos falar sobre uma questão que é transversal e que nos deixa preocupados, relacionada com a gestão portuária, a inoperância dos equipamentos e a questão de aquisição de viaturas; o Sr. Deputado Carlos Pinheiro também nos coloca a questão dos barcos, portanto, eu estou convencido de que a Sra. Ministra será porta-voz junto do Governo das preocupações aqui levantadas, mas ao mesmo tempo gostaria de convidar os Srs. Deputados a fazerem uso das vossas competências nas respectivas comissões. Ou seja, não devemos esperar apenas as sessões plenárias para colocar essas questões, mas devemos também solicitar informações.

Sei que muitas vezes solicitamos e elas demoram em chegar. Tenho sobre a Mesa, por exemplo uma solicitação do Sr. Deputado Carlos Cassandra que já algum tempo pediu algumas informações. Elas tardam de facto, mas é preciso sermos persistentes e nós a nível da Assembleia, pelo menos a Mesa, temos estado a insistir com os serviços para não só utilizar os mecanismos formais, ou seja, notificação, mas também utilizar os telefonemas no sentido de alertar os senhores directores dos gabinetes dos ministros, nomeadamente a Ministra dos Assuntos Parlamentares e se necessário os ministros responsáveis por alguns dossiês no sentido de haver celeridade nessas informações.

Por outro lado, algumas questões podem também constituir motivo de iniciativa das próprias comissões. Por exemplo, deslocarem aos sectores e obterem mais informações no sentido de que ao nível não só das comissões, ao nível do Plenário também possamos dar um tratamento mais adequado e contribuirmos para resolução de alguns problemas.

Utilizando esses mecanismos, não fiz referência desse assunto na minha intervenção, mas temos assistido uma contribuição bastante positiva das nossas comissões relacionada com as petições dos cidadãos. Tem crescido as solicitações a Assembleia no sentido de pedir a intervenção da Assembleia Nacional para ajudar a ultrapassar alguns constrangimentos de natureza administrativa e outros.

Temos ajudado a resolver alguns casos, temos recebido notas de agradecimento, portanto acho que temos que continuar a trabalhar nesse sentido para que questões de natureza estruturante possam ajudar a ultrapassar algumas preocupações que os Srs. Deputados aqui anunciaram.

Tenho ainda alguns inscritos. Srs. Deputados do MLSTP/PSD quero saber se podem fazer uso da palavra.

Tem palavra o Sr. Deputado António Barros.

O Sr. **António Barros** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, Sra. Ministra da Justiça e Assuntos Parlamentares, Sras. e Srs. Deputados, bom dia. Gostaria de fazer uma dura crítica aos organizadores do «Festival Gravana» pela discriminação que têm levado a cabo ao longo dos anos contra a Região Autónoma do Príncipe. E mais uma vez enganaram o Povo do Príncipe.

Anunciaram e orçamentaram uma falsa ida a Região Autónoma do Príncipe, porque já sabiam que não iriam. Digo isso porque só nas vésperas do festival é que foram fazer a reserva do voo para propositadamente não conseguirem lugar e usarem isso como desculpa para dizerem que não foram ao Príncipe porque não conseguiram lugar no voo, claramente uma falsa questão.

Um festival que estava a ser organizado a meses e que seus organizadores sabiam de antemão que o Príncipe existe e que havia necessidade de levar alegria àquele povo. Não tiveram a honestidade sequer de convidar um cantor do Príncipe para tomar parte no festival. Mas, quando foram buscar financiamento, naturalmente que puseram o nome de São Tomé e Príncipe, para o efeito.

Há uma coisa que é indiscutível, que não podemos esquecer e que me orgulha muito é que um dos melhores cantores de São Tomé e Príncipe, para não dizer o melhor em respeito aos outros cantores que existem também em São Tomé e Príncipe, foi o falecido Camilo Domingos que é do Príncipe.

Isso obriga-me a fazer uma pergunta. Para onde foi parar a verba que estava orçamentada para essa deslocação ao Príncipe? Alguém tem que saber, se estava orçamentada, não foram, onde é que foi a verba?

Ainda no capítulo da discriminação contra o Príncipe tenho mais uma pergunta. Quantas pessoas do Príncipe têm participado nos inúmeros eventos turísticos internacionais, nomeadamente feiras e outros que o País tem estado a participar. Não tenho a memória de ter visto alguém do Príncipe que tivesse sido convidada a fazer parte da caravana são-tomense, pelo contrário. Na equipa de Comércio e Turismo que está neste momento de caminho a Taiwan para representar o País estava incluído o director regional do Comércio Turismo e Indústria.

O nome deste director foi eliminado da lista para levarem alguém que nada tem a ver com o sector como tem sido prática. São essas coisas que nós, no Príncipe, reclamamos e as pessoas dizem que somos independentistas, regionalistas. Houve a semana nacional do turismo, houve diploma de mérito ao sector turístico, só em São Tomé, não houve no Príncipe e quando reclamamos dizem que somos regionalistas, independentistas.

Digo sinceramente, são coisas que quem é verdadeiramente filho do Príncipe não pode assistir calado, independentemente da sua cor partidária ou de quem ele apoia, não pode ficar calado, acho que todos hão-de concordar comigo.

Não somos regionalistas ou independentistas, queremos justiça. Só espero que essas pessoas tenham a humildade suficiente para publicamente pedirem desculpas ao povo do Príncipe e prometer que coisas dessas não voltem a acontecer.

Sra. Ministra, no Príncipe, desde o mês de Abril do ano em curso, uma pessoa que por obrigação tem que selar uma factura que custam 2 000 dobras está a ser obrigada a gastar 20 000 dobras porque não há selos de valores menores.

Alguém que tem que selar dez documentos de 20 000 dobras por obrigação fiscal é submetido a uma outra obrigação, no meu entender ilegal, e gastar mais 180 000 dobras. São 180 000 dobras, que estão a ser retirados a força do bolso de quem não tem.

O Sr. **Presidente**: — Eu havia lhe convidado para fazer uso da palavra e ninguém do MLSTP/PSD queria falar.

O Sr. **António Barros** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, eu entendo. Temos um problema no Príncipe relacionado com a TVS, vou colocar esta questão e termino já.

O Sr. **Presidente**: — Dou-lhe mais um minuto Sr. Deputado.

O Sr. **António Barros** (MLSTP/PSD): — Há um canal, creio eu que é da Guiné Equatorial que está a interferir fortemente no canal da TVS. Assiste-se uma fuba com bicho na televisão. Dois canais no mesmo ecrã, com vozes que não têm nada a ver com as imagens e as luzes estremeceem que dá cabo da visão.

Resumindo e concluindo a TVS está a chegar no Príncipe em péssimas condições e certamente há muita gente aqui em São Tomé que foi para o Príncipe, sobretudo dirigentes que deram conta disso. Mas como ninguém se pronunciou até hoje quero aqui pedir ao Governo que mande investigar isso e se possível resolver porque isso está a pôr em causa a visão das pessoas lá e não se pode brincar com a visão.

O Sr. **Presidente**: — Srs. Deputados, a questão desse lado tem que ser equilibrada de forma igual para todos. E o Sr. Deputado que acaba de falar é membro do meu partido, foi o primeiro a ser chamado para falar. Portanto, não é quando não tem tempo é que quer utilizar muito tempo.

Srs. Deputados já não temos disponibilidade de tempo. O ADI já não tem tempo, o MLSTP/PSD já não tem tempo, PCD tem 3,9 minutos e MDFM/PL tem 3 minutos. Gostaria de saber se da parte do Grupo Parlamentar do PCD tem alguém que quer intervir.

Tem a palavra o Sr. Deputado Xavier Mendes.

O Sr. **Xavier Mendes** (PCD): — Se venho cá é só para manifestar o nosso repúdio por algumas declarações aqui feitas acerca do nosso Ministro de Agricultura.

O Sr. Ministro de Agricultura foi manchado a sua honra e o tribunal retirou, ou seja, anulou a queixa feita por ADI contra a sua pessoa. Vem ao público dizer de que o tribunal o ilibou das acusações de corrupção que tinha sido acusado, e hoje?

Ele não foi, mas foi arrolado quatro pessoas. Meus senhores, fracamente! Um homem ferido na sua honra vem a televisão manifestar ao público a decisão do tribunal e ainda por cima sentem-se muito mal com a postura do Sr. Ministro de Agricultura.

Muito obrigado.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Jorge Boa Morte.

O Sr. **Jorge Boa Morte** (MDFM/PL):— Eu venho exactamente para esclarecer alguns assuntos. Houve aqui algumas declarações relativamente ao Ministério da Educação. O Sr. Deputado Abnildo d' Oliveira até fala de recuo da educação em São Tomé e Príncipe. Dizer que este Governo, actual Ministro...

O Sr. **Idalécio Quaresma** (ADI): — Você é ministro!?

O Sr. **Jorge Boa Morte** (MDFM/PL):— Não sou, mas posso dizer que...

O Sr. **Presidente**: — Sr. Deputado pode falar. É um cidadão informado.

O Sr. **Jorge Boa Morte** (MDFM/PL):— Actualmente, o que se está a fazer ao nível do Ministério da Educação é exactamente recuperar e corrigir os erros do passado. É preciso dizer que o XIV Governo tirou 21 directores e colocou muito sem competência. E o que temos estado a fazer exactamente é melhorar.

*Aplausos do MLSTP/PSD e PCD.*

E não nos podemos esquecer disso. Dizer também que quando o Sr. Deputado Abnildo fala da colocação dos professores, eu tenho aqui e falo com o controlo do Sr. Deputado Cecílio Quaresma. Nós colocamos neste ano lectivo a maior parte dos professores que concluíram o curso no ISP. O Sr. Cecílio Quaresma também participou nessa colocação.

*Aplausos do MLSTPPSD e PCD.*

E dizer ainda que quando se fala de perseguição, eu gostaria que me apontassem um exemplo de alguém que perdeu o horário. Nós não temos um exemplo sequer. Isso é rigorosamente mentira. Dizer mais, estamos a trabalhar com todos e a educação hoje é para todos contrariamente ao de XIV Governo.

O Sr. **Presidente**: — Sras. e Srs. Deputados, estamos na recta final, mas vejo alguns braços no ar. Gostaria que evocassem o Regimento para que eu pudesse dar a palavra. Já não temos tempo.

O Sr. **Carlos Cassandra** (ADI): — Sr. Presidente, eu queria evocar o artigo 102.º do nosso Regimento. É um pedido de esclarecimento.

O Sr. **Presidente**: — Srs. Deputados, eu sou forçado a terminar a sessão. Estamos apenas com um ponto hoje e temos o período de antes da ordem do dia e neste ponto não há questões de que o Sr. Deputado faz referência. Eu lamento, mas no final da 6.ª sessão e nas Conferências de Líderes que fomos realizando neste período de férias, todos os líderes me foram pedindo para fazer um esforço no sentido de respeitarmos rigorosamente o Regimento.

Eu disse-vos na última sessão que de vez em quando faço a gestão por estarmos em sede política e daí que de vez em quando sair um pouco fora de alguns termos regimentais não prejudica a qualidade das nossas sessões. Mas hoje estamos apenas com um ponto e vamos ser rigorosos. Quero chamar atenção aos Srs. Líderes Parlamentares para que nas próximas ocasiões fizessem um esforço como forma de terem intervenções que circunstanciem ao tempo fixado nos termos regimentais.

Hoje assistimos a intervenções que foram quase trinta minutos, outras vinte e pouco, outras quinze e tal, e portanto não quero a partir desta posição estar a cortar. E assim peço a vossa colaboração no sentido de irmos ao encontro cada vez mais do Regimento pelo que declaro encerrada a sessão.

Tenham uma boa tarde.

*Eram 12 horas e 45 minutos.*

*Faltaram a sessão os seguintes Srs. Deputados:*

Acção Democrática Independente (ADI):

**Domingos** José da Trindade **Boa Morte**

Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe/Partido Social-Democrata (MLSTP/PSD):

Joaquim **Rafael Branco**